

Os Irmãos Karamázov

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

ÍNDICE

<i>Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski</i>	11
---	----

PRIMEIRA PARTE

LIVRO I – HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

I – Fiódor Pavlovitch Karamázov	23
II – O filho abandonado	26
III – Do segundo matrimónio e da segunda família	29
IV – Aliocha	34
V – O presbítero	40

LIVRO II – UMA REUNIÃO FRUSTRADA

I – No mosteiro	49
II – O eterno bobo	53
III – Camponesas de fé	60
IV – Uma senhora de pouca fé	67
V – O que há de vir	73
VI – Porque vive semelhante homem	81
VII – Um jovem ambicioso	89
VIII – O escândalo	96

LIVRO III – OS SENSUALISTAS

I – Os criados	105
II – Lizaveta	109
III – Confissão poética de uma alma apaixonada	112
IV – Confissão anedótica de uma alma apaixonada	119
V – Confissão de uma alma apaixonada – «De cabeça para baixo»	125
VI – Smerdyakov	132
VII – A controvérsia	137
VIII – Influências do álcool	142
IX – Os sensualistas	149
X – As duas mulheres encontram-se	154
XI – Mais uma reputação arruinada	163

SEGUNDA PARTE

LIVRO IV – DILACERAÇÕES

I – O padre Feraponte	173
II – Em casa do pai	182
III – Ao sair da escola	186
IV – Em casa das Hohlakov	190
V – Dilacerações no salão	195

VI – Dilacerações no cubículo	204
VII – E ao ar livre!	211
LIVRO V – PRÓS E CONTRAS	
I – Prometidos	221
II – Smerdyakov a tocar guitarra	230
III – Os irmãos ficam amigos	236
IV – Rebelião	244
V – O grande inquisidor	254
VI – Momentos de angústia	271
VII – Dá gosto falar com um homem de talento	279
LIVRO VI – O MONGE RUSSO	
I – O padre Zóssima e os seus visitantes	289
II – O duelo	301
III – Conversas e exortações do padre Zóssima	319
TERCEIRA PARTE	
LIVRO VII – ALIOCHA	
I – Fedor de corrupção	335
II – Momentos críticos	345
III – Uma cebola	350
IV – Caná de Galileia	364
LIVRO VIII – MITYA	
I – Kuzma Samsonov	371
II – Lyagavy	380
III – As minas de ouro	386
IV – Nas trevas	395
V – Uma decisão súbita	400
VI – «Aqui estou eu também!»	414
VII – O seu primeiro e legítimo amante	421
VIII – Delírio	435
LIVRO IX – A INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR	
I – O início da carreira de Perkotin	449
II – Alarme	455
III – As torturas de uma alma. A primeira provação	460
IV – A segunda provação	467
V – A terceira provação	473
VI – Mitya é apanhado pelo procurador	482
VII – O grande segredo de Mitya é ridicularizado	489
VIII – Declarações das testemunhas. A criança de peito	499
IX – A prisão de Mitya	506

QUARTA PARTE

LIVRO X – OS RAPAZES

I – Kolya Krassotkin	515
II – Crianças	519
III – O estudante	524
IV – O cão desaparecido	531
V – Junto da cabeceira de cama de Ilucha	537
VI – Precocidade	550
VII – Ilucha	556

LIVRO XI – IVAN

I – Em casa de Gruchenka	563
II – O pé magoado	571
III – Um diabinho	579
IV – Um hino e um segredo	585
V – «Tu, não! Tu, não!»	597
VI – Primeira conversa com Smerdyakov	603
VII – Segunda visita a Smerdyakov	611
VIII – Terceira e última conversa com Smerdyakov	619
IX – O diabo: o pesadelo de Ivan	632
X – «Disse-mo ele»	648

LIVRO XII – UM ERRO JUDICIAL

I – O dia fatal	655
II – Testemunhas perigosas	661
III – Os peritos médicos e o meio quilo de nozes	669
IV – A sorte sorri a Mitya	674
V – Uma catástrofe súbita	682
VI – A acusação: rasgos característicos	690
VII – Um relance histórico	698
VIII – Investigação sobre Smerdyakov	702
IX – A troika veloz. Final da acusação	709
X – A defesa. Um punhal de dois gumes	718
XI – Não havia dinheiro. Não há roubo	722
XII – E também não houve assassinio	727
XIII – A letra e o espírito	734
XIV – Os camponeses mantêm-se firmes	741

EPÍLOGO

I – Planos de evasão	749
II – A mentira transforma-se em verdade, por um momento	753
III – O enterro de Ilucha. O sermão de despedida	760

FIÓDOR MIKHAILOVITCH DOSTOIÉVSKI (1821-1881)

Dostoiévski nasceu a 30 de outubro de 1821 no Hospital Geral de Moscovo, onde o pai era médico. A família, já numerosa, habitava um andar modesto no centro de saúde. Como é lógico, o grande novelista passou os primeiros anos da infância entre doentes e enfermeiros; e amigos da sua idade não teve outros para além dos próprios irmãos. O triste e penoso ambiente do hospital influenciou-lhe a alma infantil e a sua sensibilidade sempre latente, fazendo com que Dostoiévski procurasse a solidão e dedicasse muitas horas do dia a vaguear sozinho pelos cantos daquele mundo de dores, entregue à obsessão de se inspecionar interiormente com cuidado e atenção doentios.

Teve como primeiros professores a mãe, bela e bondosa, e um diácono ortodoxo muito amigo da família. Depois da morte da mãe e de cumpridos os 16 anos, Fiódor e Michail, o irmão mais velho, ingressaram na Escola Militar de Engenharia de São Petersburgo. Mas cedo Fiódor se dava conta de que aqueles estudos lhe estragavam a alma. O alheamento e a melancolia permanentes provocavam a repulsa dos companheiros. Foi durante esses anos que teve os primeiros sintomas de duas doenças que o acompanhariam durante toda a vida: a epilepsia e a hipocondria. Nas longas horas de solidão, dedicou-se à leitura de livros políticos e sociais. Esteve mesmo a ponto de se suicidar. Dia após dia, ano após ano, mais se envolvia num mórbido pseudomisticismo cheio de paradoxos e sobressaltos.

Em 1843 terminou os estudos, sendo nomeado alferes da Secção de Engenheiros Militares, mas só durante um ano exerceu essa profissão. Apresentou a demissão e decidiu entregar-se totalmente à literatura. Quando ainda na Escola Militar, começou a escrever a primeira novela, *Pobre Gente*, que, terminada, se atreveu a apresentar ao grande crítico e admirável poeta Nekrasov.

Durante dois dias esperou com enorme ansiedade a opinião do poeta, e, quando menos contava, foi visitado por Grigorevich e Nekrasov, ambos entusiasmados com a leitura de *Pobre Gente*, reputando-a como novela sensacional. Nekrasov ofereceu-se para levar o manuscrito a quem, por essa altura, era o grande árbitro da literatura russa – o ensaísta e crítico Belinski. Este mostrou-se entusiasmado com a novela de Fiódor e encarregou-se de a apresentar nas tertúlias e nas reuniões literárias mais famosas de São Petersburgo. Deslumbrado, Fiódor deixou-se dominar por um entusiasmo irrefletido que fez com que Belinski comentasse: «Dostoiévski tem um enorme talento, mas nunca poderá desenvolvê-lo se começar já a julgar-se um génio. O seu orgulho só lhe trará dissabores.»

Esta opinião fez com que Fiódor se afastasse da amizade de Belinski e dos outros, mas pouco tardou até se aperceber da verdade que existia na profecia daquele. Desejoso de ganhar dinheiro, entregou-se com nervosismo à tarefa de escrever novelas e contos, cujos lucros não eram suficientes para cobrir as suas numerosas dívidas. Por outro lado, um grande número de leitores ficou dececionado com a leitura das novelas *O Senhor Prokarchin*, *Coração Débil*, *Netotchka* e *A Senhoria* (1847), que lhes pareciam textos confusos e desequilibrados. Certo é que Dostoiévski sofreu as consequências da sua vaidade imoderada e um evidente fracasso.

Foi por volta de 1849 que se juntou a um grupo ativista de propaganda socialista, chefiado por um tal Petrashevski, de que faziam parte vinte e dois jovens intelectuais. Presos todos, inclusive Dostoiévski, foram condenados à morte e levados à Praça Semenovski, onde se erguia o patíbulo.

«Fizeram-nos vestir umas camisas brancas», conta o genial escritor, «traje dos condenados à morte, e ataram-nos a uns postes para nos executarem... De repente, os tambores soaram com estrépito e foi-nos lida uma ordem do czar em que nos concedia a graça das nossas vidas, tendo de cumprir, no entanto, uma pena de quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria.»

Fiódor cumpriu-a em Omsk. Durante os dias em que esperava a morte, e os penosos anos que passou na prisão, Dostoiévski sofre «a revolta da sua alma», e a fé ficou-lhe muito abalada. As misérias que observava provocavam-lhe uma existência interior cheia de agonia, a que se somavam a própria dor e as dores de tantas outras criaturas martirizadas implacavelmente. Durante os quatro anos na Sibéria, os ataques epiléticos do escritor aumentaram, estado em que sentia uma espécie de paixão delirante e diferente de cada vez.

Em 1854 saiu da prisão e foi enviado como simples soldado para a linha da frente de um batalhão, a sul da Sibéria Ocidental. Aqui, ao ser promovido a oficial como prémio de boa conduta e pela sua cultura, escreveu as novelas curtas *Um Sonho do Tio*, *O Pequeno Herói* e *A Aldeia de Stepantchikovo e os Seus Habitantes*, e começou a grande obra *Recordações da Casa dos Mortos*. Aqui, também, casou com Maria Dimitrevna Isaeva, com quem nunca foi feliz, segundo ele próprio confessou.

Em 1859 pôde, finalmente, voltar a São Petersburgo onde, de colaboração com o irmão Michail, iniciou a publicação da revista *Vremia* (*O Tempo*), conseguindo reunir como colaboradores vários dos mais afamados autores daqueles anos, entre os quais Strachov e Grigorev. No entanto, a maior parte dos artigos de cada número era escrita pelo próprio Fiódor, quer sob o seu nome, quer sob diferentes pseudónimos. Apesar deste trabalho tão intenso, conseguiu escrever

e publicar, em 1861, duas das suas melhores novelas, *Humilhados e Ofendidos* e *Recordações da Casa dos Mortos*. A revista *Vremia* mantinha uma tendência absolutamente eslava, procurando sustentar, com eficácia, o juízo categórico de que a Rússia possuía a primazia em ciências e letras sobre os restantes países eslavos. Para manter este critério foi ajudado pela recusa absoluta em acreditar numa influência cultural benéfica por parte da Europa Ocidental. Só a Rússia conservava uma enorme projeção moral, moralizando com sabedoria, que as nações europeias do Ocidente não possuíam, em particular as nações latinas. A revista teve enorme êxito, mas uma existência breve por culpa de um artigo confuso escrito por Strachov que, interpretado como um ataque contra a revolta dos nacionalistas polacos, fez com que a censura proibisse a sua publicação em 1863.

Pouco depois, os irmãos Dostoiévski fundaram uma nova revista, *Epoka* (*A Época*), para a qual não conseguiram mais do que mil assinantes, embora Fiódor nela publicasse várias das suas melhores crónicas e alguns dos mais belos e emotivos contos. Depois da morte, com intervalo de poucos meses, da mulher e do irmão, Fiódor tomou a seu cargo a família de Michail, apesar de mal possuir meios para sustentar a sua. Quando a *Epoka* deixou de se publicar, o escritor devia quase vinte e dois mil rublos, quantia fabulosa nesse tempo. Esta enorme dívida, as tristezas familiares, a repetição cada vez mais frequente dos ataques epiléticos, marcaram, de uma forma decisiva, a sua produção literária posterior.

Em 1866, conseguiu publicar a novela *Crime e Castigo*, que teve tanto êxito que, com os direitos de autor recebidos, pôde saldar as dívidas e dar mais conforto às duas famílias que viviam agora sob o mesmo teto. Pouco depois casou com a secretária, Ana Grigorevna Snitkina, com quem partiu para o estrangeiro pensando que, assim, encontraria maior tranquilidade para trabalhar. Na companhia da mulher, que foi para o escritor uma verdadeira providência, pela sua abnegação e afeto, percorreu a Alemanha, a Suíça e a Itália. Quis estabelecer-se em Dresden, Genebra e Milão, mas em nenhuma destas cidades encontrou o desejado recanto de paz e, assim, recomeçaram os problemas monetários e Dostoiévski viu-se obrigado a recorrer a vários amigos para obter o empréstimo de algumas centenas de rublos. Fora da pátria, em 1868, escreveu *O Idiota* e *Os Possessos*, que, embora tivessem êxito e fossem traduzidos para francês e alemão, lhe renderam pouco em direitos de autor, pelo que a sua existência continuou entre tristezas familiares e saudades da pátria.

No estrangeiro nasceram-lhe vários filhos e foi então que sentiu verdadeiramente o pouco encanto que tinha para si a cultura ocidental.

Após quatro anos de ausência, em 1871, regressou à Rússia, a São Petersburgo. A situação económica melhorou ao ser nomeado diretor da revista *Grazdanin*

(*O Cidadão*), podendo assim trabalhar sem preocupações de dinheiro nem de necessidades urgentes com ele relacionadas. Esta tranquilidade de espírito permitiu-lhe escrever a mais extensa e famosa das suas obras, *Os Irmãos Karamázov*.

Em 1876, lançou uma nova revista, inteiramente redigida por si, *Diário de Um Escritor*, com a qual alcançou a popularidade, embora nela se sucedessem os pontos de vista de Fiódor ditados hoje pelo seu humor, amanhã pelas suas amarguras.

Entretanto, Ana Grigorevna dedicava-se a reeditar as primeiras novelas do escritor, quase desconhecidas da grande massa de leitores russos. Nova obsessão dostoiévskiana: «Além de ser a Rússia a grande reserva moral do mundo, só ela poderia salvar a corrompida e decadente Europa Ocidental.»

Quando planeava a segunda parte de *Os Irmãos Karamázov*, Dostoiévski sofreu uma hemorragia pulmonar que o prostrou no leito em perigo de vida. Depois de receber a comunhão, pareceu melhorar a ponto de voltar a ler atentamente os Evangelhos que levava consigo para a Sibéria e que, até certo ponto, o haviam reconfortado durante os anos de trabalhos forçados.

Um dia passou a Bíblia à esposa e pediu-lhe que a abrisse ao acaso e lesse. «Arrependei-vos, porque o reino dos Céus está perto», ouviu a voz da sua querida Ana Grigorevna sussurrar. Sorrindo, mandou que entregasse o livro ao filho, como se fosse o melhor presente que lhe poderia deixar. Às primeiras horas da noite daquele mesmo dia, Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski faleceu nos braços da mulher. A imprensa dedicou-lhe grandes elogios e pode dizer-se que toda a Rússia chorou com pesar a sua morte. A popularidade de que gozava era enorme desde que, em 1880, pronunciara um discurso sensacional por ocasião da inauguração do monumento ao pai da literatura russa contemporânea, Púchkin. Foi enterrado na Igreja de Santo Alexandre Nevski, em São Petersburgo.

Em outubro de 1882, a revista *Novo Tempo* publicou as condições do concurso para levantar um monumento fúnebre ao genial novelista, cujo custo seria de quase três mil rublos. Em 1883, foi inaugurada uma escola com o nome de Dostoiévski em Staraya Rusa, e foi publicada, por conta do Estado, a primeira edição de *Obras Completas*, em catorze volumes, do autor de *Crime e Castigo*. E, em 1886, Ana Grigorevna inaugurou a sala dedicada ao escritor, no Museu Histórico de Moscovo.

A OBRA

- Pobre Gente (Bednie Liudi)*, 1846.
O Duplo (Dvoinik), 1846.
O Senhor Prokarchin (Gospodin), 1846.
A Senhoria (Khozaika), 1847.
Uma Novela em nove Cartas (Roman v deviati pismaj), 1847.
Polzunkov, 1848.
Coração Débil (Slaboie serdtse), 1848.
O Ladrão Honrado (Chestnii vor), 1848.
A Mulher... e o Homem de baixo da Cama (Chuzaia Zena i Muj pod Krova tiu),
1848.
A Árvore de Natal e Um Casamento (Yolka i Svadba), 1848.
Noites Brancas (Belie Noci), 1848.
Netotchka, 1849.
O Pequeno Herói (Malenki Geroi), 1857.
Um Sonho do Tio (Diadunskin son), 1857.
A Aldeia de Stepancikovo e os Seus Habitantes (Selo Stepancikovo), 1859.
Humilhados e Ofendidos (Unizennie i oskorblennie), 1861.
Recordações da Casa dos Mortos (Zapiski iz mertvogo doma), 1861.
*Notas de Inverno sobre Impressões de Verão (Zimnie zamietki o lietnik
v piechatlieniak)*, 1862-1863.
Uma História Anedótica (Skverni anekdot), 1862.
Memórias do Subterrâneo (Zapiski iz podpolia), 1864.
O Crocodilo (Krocodil), 1865.
Crime e Castigo (Prestuplenie i nakazanie), 1866.
O Jogador (Igrok), 1866.
O Idiota (Idiot), 1868-1869.
O Eterno Marido (Vetchni muj), 1870.
Os Possessos (Besy), 1871-1872.
O Adolescente (Podrostok), 1875.
Os Irmãos Karamázov (Brátia Karamázovi), 1879-1880.
Diário de Um Escritor (Dnevnik pisatelia), 1873-1876 e 1881.

A CRÍTICA

«Enquanto outros escritores envelhecem e morrem na sua obra mais depressa do que eles próprios, Dostoiévski, apesar do tempo decorrido após a morte, ainda se conserva fresco e florescente como em vida. É um caso de “santidade” literária. A sua obra mantém o interesse sempre vivo e é consultada assiduamente. Mais ainda, fomentando a ilusão de um escritor atual, que não terminou ainda de produzir (por doença ou velhice), todos os dias editores zelosos nos oferecem a tradução de uma obra desconhecida, ou que parece sê-lo pela mudança de título. Desse modo se encontra sempre algo de novo no ventre desse Leviatão eslavo, nosso e de todos. Dostoiévski é atual e os críticos encontram sempre qualquer coisa de novo a dizer acerca do enigma que nos apresenta a vida e a obra do escritor. Enigma já suficiente, a sobrevivência maravilhosa com que, através das rotações literárias, mantém em zénite uma obra que representa um vértice desenfreado do romantismo.

Dostoiévski obriga-nos a acreditar no génio, na potência oculta e enigmática que transforma os grandes escritores, os verdadeiros, em demónios e monstros de si mesmos no milagre da sua criação. Dostoiévski é, certamente, um génio, uma manifestação desse poder estranho, irracional, ainda que se expresse mediante a razão inconsciente e projete a suma consciência, que se confunde com a demência e o mórbido e é algo divino e, como tal, pavoroso.»

[Rafael Cansinos-Assens]

«Nos fins do século passado, apareceu uma nova palavra no idioma russo: “dostoiévskiana”. É fácil adivinhar que aquela palavra, tão dura para um ouvido ocidental, caracterize um estado complicadíssimo da alma humana, um choque de paixões, vícios, virtudes e abnegações como só as há na vida e nas novelas de Dostoiévski. Creio que se a palavra “dostoiévskiana” fosse de mais fácil pronúncia, o uso dela seria universal, já que Dostoiévski pertence à humanidade inteira. Muitos críticos duvidam ainda desta verdade e tratam de circunscrever o aspeto psicológico das suas novelas ao mundo especificamente russo. Não obstante, parece-me difícil admitir que Dostoiévski houvesse podido conquistar uma popularidade tão grande e tão absoluta, no mundo inteiro, se no que escreveu não tivesse tocado os pontos mais secretos e sensíveis do coração humano, sejam quais forem a nacionalidade, religião, classe social e, por conseguinte, a mentalidade dos leitores.

É certo que, a muitos ocidentais, os seus contos e novelas parecem um pesadelo; mas nem para os russos a leitura de Dostoiévski é mais fácil, sobretudo a princípio. E não me refiro à obra, mas a cada herói que, por si só, é um mundo, e o cérebro e o coração cansam-se de receber impressões tão emotivas e violentas, ao virar de cada página.»

[P. Schostakovsky]

« O Dostoiévski das grandes obras (nos relatos breves parece ser quase outro, absorto, circunspecto, penetrante) é sempre assim: um instrumento desesperado das potências rebeldes, dos instintos reprimidos, que fala e fala, rodeia as ideias, lança raios e, cambaleando, segue a Luz, o Bem, Deus. Epilético, infeliz por falta de sentido prático, só se sente à vontade nas grandes cidades, e nos fétidos arrabaldes. Típico representante do proletariado intelectual, nunca meditou sobre a natureza que engrandece o coração; a sua vontade não soube vencer a atração mórbida das profundidades ocultas da alma, onde se agitam monstros ávidos de devorá-lo. Como que hipnotizado, ficou-se no reino do mal até o transformar em vontade celestial. Para si próprio encontrou, talvez, a salvação, mas, quanto à eficácia real da sua obra como intérprete da doutrina de Cristo, basta recordar que o anticristo Nietzsche o declarou como grande mestre, o único psicólogo com quem aprendera alguma coisa...»

[S. Prampolini]

PRIMEIRA PARTE

LIVRO I
HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

CAPÍTULO I
FIÓDOR PAVLOVITCH KARAMÁZOV

Tal fama havia adquirido Fiódor Pavlovitch Karamázov, que, decorridos treze anos após a sua morte, de maneira sombria e trágica como vereis a devido tempo, ainda causa comentários cheios de interesse aos vizinhos da comarca onde viveu. Por agora, limitar-me-ei apenas a afirmar que este proprietário que não dedicou um só dia às suas terras era um tipo raro. Não porque não abundem aqueles que à degradação dos vícios unam a insensatez das ideias; mas Fiódor pertencia a esse grupo de isentos capazes de se aferrar obstinadamente ao interesse material dos seus negócios e não dedicar qualquer espécie de interesse a tudo o resto. Começou com quase nada, e uma posição das mais modestas; mas, impondo a sua presença em casa dos vizinhos, e conquistando com arte um lugar às mesas postas, amontoou os cem mil rublos que, em moedas, foram encontrados em arcas quando da sua morte. Recebeu sempre as honras dispensadas aos homens mais extravagantes e fantásticos de uma região. Dissemos que não era tolo, já que muito astutos e inteligentes são estes indivíduos fantasiosos; mas era caracterizado por essa insensatez peculiar do Russo que possui uma manifestação própria.

Casou duas vezes e teve três filhos: um, Dmitri, o mais velho, da primeira mulher, e dois, Ivan e Alexey, da segunda. A primeira esposa, Adelaide Ivanovna, pertencia à família dos Miusov, uma das mais nobres e opulentas, e dona de considerável extensão do nosso território. Não tentarei explicar como foi possível que uma rica herdeira, que à sua formosura unia a fortaleza de espírito e inteligência tão comuns às jovens de hoje, mas que, naqueles tempos, eram um dom raro, contraísse matrimônio com um aldrabão tão desprezível, como todos apelidavam o marido.

Sei de uma jovem da geração «romântica» que, depois de longos anos passados a esconder um amor enigmático, deu em maquinar obstáculos insuperáveis à união com o objeto dos seus amores, de quem poderia ter feito seu esposo com toda a facilidade, e acabou por se lançar, numa noite tempestuosa, do alto de um precipício em cujo fundo rugia a corrente caudalosa de um rio. Matou-se para satisfazer assim uma emulação caprichosa de Ofélia shakespeariana. Mas, se o precipício, paragem predileta dos seus sonhos, fora menos pitoresco, ou o rio deslizesse por uma margem plana e monótona, certamente o suicídio não se teria consumado. O caso é verídico e poderia acrescentar acontecimentos análogos

nas duas ou três gerações passadas. O de Adelaide Ivanova pode contar-se entre os desta natureza. Deveu-se, sem dúvida, a influências estranhas, ao prurido de ostentar a independência dos seus atos e pensamentos, rebelando-se contra os preconceitos de casta e o despotismo do lar, e talvez a uma imaginação cheia de arrojo feminino que lhe apresentava Fiódor Pavlovitch, com os seus defeitos de parasita, como um exemplo desses homens ousados e mordazes que lhe pareciam o sumo do progresso, embora na realidade não passasse de um impostor malicioso. O mais picante de tudo, e o que exaltou sobremaneira a fantasia da jovem, foi a fuga com que iniciaram o casamento.

A precária situação de Fiódor Pavlovitch impedia-o de empreender qualquer coisa nessa altura e ansiava com toda a sua alma por alcançar uma posição desafogada, sem olhar a meios.

Juntar-se a uma família rica, embolsando um belo dote, era solução demasiado atraente para que pudesse resistir-lhe, – pois que amor parecia não haver entre ambos. Mas a noiva era muito bela e ele possuía um temperamento voluptuoso que o levava a perseguir as «saias» com uma constância digna de Don Juan.

Logo após o arrebatamento da fuga, Adelaide Ivanovna convenceu-se de que não sentia pelo marido mais do que desprezo, e todas as prosaicas realidades do matrimónio se desvendaram na sua mais crua nudez; e embora os pais de Adelaide aceitassem com resignação os factos consumados, dando à fugitiva o dote estipulado, os esposos mergulharam numa vida de desordem que originou incessantes e lamentáveis cenas conjugais. Dizia-se que a recém-casada se manifestou incomparavelmente mais nobre e generosa do que Fiódor Pavlovitch, de quem sabemos que arrecadou os vinte cinco mil rublos do dote sem que ela reclamasse o dinheiro ou o tornasse a ver. Durante muito tempo tentou Fiódor obter a transferência a seu favor de uma pequena aldeia e uma magnífica quinta que faziam parte do dote da mulher, e esta tê-lo-ia consentido por falta de ânimo, pelo desejo de se ver livre ou pelo desprezo e repugnância que lhe inspirava aquela pegajosa e vil impertinência, se a sua família não tivesse intervindo afortunadamente, pondo fim a tal ambição. Posso dar como certo que os cônjuges passavam com frequência das palavras aos atos, e acredito nos rumores de que no campo dos golpes era a mulher quem superava, sem que Fiódor ousasse voltar-se contra aquela terrível fêmea que punha as forças musculares, de que estava naturalmente dotada, ao serviço da sua impetuosidade e bravura.

Adelaide Ivanovna fugiu por fim com um pobre estudante de Teologia, deixando o filho, Dmitri, de três anos, nos braços do pai.

Fiódor Pavlovitch apressou-se a converter a sua casa num harém e a regalar-se em orgias desenfreadas; e, nos raros intervalos dessa vida, procurava as pes-

soas conhecidas para se queixar do abandono de Adelaide Ivanovna, revelando, com os olhos arrasados de lágrimas, pormenores da vida de casado, cuja simples recordação envergonharia qualquer marido.

A julgar pela minúcia e cuidado que punha no relato das suas penas, dir-se-ia que a situação ridícula de marido burlado o enchia de satisfação e apagava por completo o seu amor-próprio.

– Qualquer pessoa julgará que alcançaste uma graça, pois todas essas tristezas não cobrem a alegria que brilha no teu rosto – diziam-lhe em chalaça. E acrescentavam alguns que, por certo, se sentia feliz ao ver crescer o repertório das suas fanfarrônicas, com o pouco decoro de que fingia não se prevenir para causar mais efeito. Mas quem sabe se não se reduzia tudo a mera simplicidade...

Um dia, soube onde se encontrava a mulher. A desgraçada vivia em Petersburgo, abandonada pelo estudante e seguindo caminhos de completa emancipação. Fiódor Pavlovitch entregou-se imediatamente a afanosos preparativos de viagem, sem que ele próprio soubesse que propósitos o impeliavam para a capital. E teria de certo, partido se, quando decidiu pôr-se em marcha, não lhe tivesse despertado a necessidade de fortalecer os ânimos, alagando-os em vinho. Durante a festa chegou a notícia da quase repentina morte da mulher numa mansarda; uns diziam que o tifo a matara; outros, que fora a miséria. Fiódor Pavlovitch ouviu a notícia entre dois copos, e dizem que saiu para a rua correndo e gritando com os braços levantados ao céu: «Agora, Senhor, deixa que o Teu servo parta em paz!»

Segundo outra versão, chorou por um menino e tão desconsoladamente que inspirou compaixão até àqueles que o detestavam por ser repulsivo. Talvez tenham todos razão, e Fiódor se regozijasse com a sua nova liberdade, chorando a morta ao mesmo tempo.

Os homens, em geral, mesmo os malvados, são todos iguais, mais ingénuos e bondosos do que quase sempre supomos.

CAPÍTULO II O FILHO ABANDONADO

É de calcular a educação que tal homem daria aos filhos; nem dele se podia esperar outra conduta além da observada com o primogênito, a quem abandonou, não por maldade ou passados agravos conjugais, mas por verdadeiro esquecimento. Enquanto o pai se entregava a impingir a todo o mundo choros e lamentos, e a tornar a sua casa no mais grosseiro dos bordéis, crescia a terna criança sob os cuidados de Grigory, o velho e fiel criado da família, graças ao qual escapou de completo desamparo e miséria.

Porque, ao princípio, todos, até a família de sua mãe, se afastaram. Morto o avô, a viúva refugiou-se em Moscovo, onde uma grave doença a retinha. As tias, casadas, só podiam dar atenção aos próprios filhos, e Mitya teve de passar um ano inteiro com Grigory, no pavilhão destinado aos criados. Ali o deixaria Fiódor se se recordasse que tinha um filho, pois não vamos admitir que o esquecimento da sua paternidade fosse eterno, nem que quisesse que a criança fosse testemunha dos seus vícios vergonhosos. Isto não pôde, no entanto, ser comprovado, porque, de Paris, chegou um primo da mãe de Mitya.

Pyotr Alexandrovitch Miusov, que havia de passar grande parte da vida no estrangeiro, era já um moço que se destacava na família pela cultura e certas boas maneiras europeias, adquiridas à sua passagem pelas principais capitais. Declarara-se abertamente partidário do liberalismo que explodia nessa altura, honrando assim a amizade que, no decorrer da sua carreira, o uniu aos homens mais cultos e avançados da época. Conhecera pessoalmente Proudhon e Bakunin e, durante a velhice, agradava-lhe sobremaneira relatar as jornadas da revolução de fevereiro de 1848, deixando transparecer nas suas palavras a glória que lhe coube nas barricadas de Paris. Esta data guardava, sem dúvida, as recordações mais gratas da juventude. Era dono e senhor de umas mil almas (para designar a sua propriedade à moda antiga) num feudo que, no fim dos arrabaldes da cidade, estava ligado às terras de um famoso mosteiro, a cujos monges levantou uma ação interminável, logo que entrou na posse da herança, não sei se sobre certo direito de pescar no rio, ou de cortar lenha no bosque. O necessário era cumprir o dever de cidadão e de homem culto, e atacar os clérigos de qualquer modo.

Quando soube da morte de Adelaide Ivanovna, por quem sentira uma doce inclinação, e do vergonhoso viver de Mitya, quis intervir, ainda que todo o seu sangue jovem fervesse de indignação e desprezo por Fiódor Pavlovitch. Visitando

este último, expôs-lhe plenamente o desejo de tomar o encargo da educação do filho. Contava, mais tarde, com uma particularidade surpreendente, que, quando começou a falar de Mitya, Fiódor Pavlovitch o olhou por longo espaço de tempo, como se não compreendesse de que rapazinho pudessem estar a falar, e se mostrou surpreendido ao saber que tinha um filho em casa. Poderá haver certo exagero nisto, mas aproxima-se muito da verdade.

Fiódor Pavlovitch passava todo o tempo atuando no palco da vida, ansioso por representar um papel surpreendente, embora destoasse sempre com as circunstâncias episódicas que vivera, e sempre com desvantagem para a sua pessoa, como no caso a que nos referimos. Na verdade, este pormenor caracteriza grande número de mortais que põem na sua atuação mais ou menos destreza.

Pyotr Alexandrovitch tratou do assunto com energia e conseguiu ser nomeado cotutor com Fiódor. Mitya, a quem cabia uma pequena propriedade da herança materna, passou à custódia do primo; mas como o célebre cavalheiro se apressou a regressar a Paris para assegurar as rendas dos seus domínios, deixou o rapaz à guarda de uma das suas tias de Moscovo, e a vida parisiense e os dias agitados da revolução de fevereiro, que tão definitivamente o impressionaram para o resto da vida, distraíram-no até esquecer por completo a tutela. Morta a tia de Moscovo, Mitya foi para casa de outra, e creio que continuou a mudar de asilo mais quatro vezes; mas não posso deter-me nesta peregrinação, quando me resta tanto para dizer do primeiro filho de Fiódor Pavlovitch. Limitar-me-ei a apontar os factos essenciais que me permitam entrar plenamente na minha história.

Digamos, antes do mais, que este Mitya, ou melhor, Dmitri Fiódorovitch, foi o único dos três irmãos que cresceu planeando emancipar-se com a sua fortuna ao chegar à maioridade. A mocidade transcorreu-lhe tão desordenada como a infância. Malogrou a carreira empreendida ao entrar numa escola militar; foi enviado ao Cáucaso e obteve promoções; bateu-se em duelos, foi despromovido, recuperou as «estrelas», e levou sempre uma vida turbulenta e dispendiosa. Conheceu então o pai, junto de quem o levou somente o propósito de esclarecer a herança.

Estas relações não provocaram o menor afeto filial na sua alma, nem foram duradouras. Apressou-se a partir logo que conseguiu determinada soma e a promessa de futuras remessas dos rendimentos das suas terras, acerca de cujas rendas e valor – caso digno de se notar – não conseguiu quaisquer informações do pai. É também de notar que, naquela altura, começou o pai a perceber os vagos e exagerados planos que o filho forjava para os bens que possuía, o que o contentou grandemente pelo muito que lhe ia facilitar os seus avessos planos. Pensou que o moço, frívolo, arrojado, impetuoso, desleixado e impaciente, se daria por muito feliz – pouco lhe importava que passageiramente – por receber dinheiro. Em

consequência, resolveu tirar partido desta vantagem, enviando-lhe de quando em quando pequenas somas por conta. E quando, quatro anos mais tarde, Mitya regressou, devorado pela ansiedade de regular definitivamente a questão com o pai, soube em terrível sobressalto que nada lhe restava, que recebera já toda a herança em dinheiro. Que, por vários acordos formulados de antemão, segundo o seu expresso desejo, não tinha o direito de esperar nada, etc., etc. Mitya deixou-se abater, receando traições e fraudes que o traziam fora de si. Esta decepção iria provocar a tragédia que constitui o assunto, ou melhor, a essência da primeira parte da minha obra. Mas, antes, digamos qualquer coisa dos outros dois filhos de Fiódor e da esposa de quem os teve.

CAPÍTULO III

DO SEGUNDO MATRIMÔNIO E DA SEGUNDA FAMÍLIA

Fiódor Pavlovitch voltou a casar quando Mitya contava quatro anos, casamento este que duraria oito anos. Conheceu a segunda mulher, uma jovem chamada Sofia Ivanovna, numa outra província aonde o levava um negócio de pouca monta em companhia de um judeu; porque, apesar de se encontrar sempre bêbedo e submerso em vícios, não descuidava acrescentar o seu capital, manejando os assuntos com habilidade e êxito, sempre superiores aos seus escrúpulos.

Filha de um obscuro diácono, mas órfã desde a infância, Sofia cresceu em casa da viúva de um general, uma velha opulenta que foi para a rapariga anjo e verdugo ao mesmo tempo. Não conheço pormenores, mas ouvi dizer que a pobrezita, toda doença e gentileza, chegou a chorar no chão, ao querer entregar o pescoço a um laço corrediço para se libertar das horríveis torturas a que a submetia o capricho insaciável de uma velha que, sem aparentar maldade, se portava como um tirano cruel por puro prazer.

Fiódor Pavlovitch apresentou ofertas à velha que foram recusadas seguindo o conselho de conhecidos, e propôs então à moça a fuga, como no seu primeiro matrimônio. De certeza que não teria acedido ela a casar-se por nada deste mundo, se conhecesse aquele homem por pouco que fosse; mas a distância a que vivia e a escassa reflexão de uma jovem de 16 anos, pensando que pelo menos se está melhor no fundo de um rio que amarrada a uma proteção odiosa, decidiram-na a trocar de benfeitor. Fiódor Pavlovitch não obteve, desta vez, nem um maravedi, pois da generala só receberam enfurecidas maldições. Bom, verdade se diga que Fiódor também não contava com um dote. A rara formosura e a inocência da moça seduziam-no: o seu ar de candura possuía singular atrativo para um depravado que até então só admirara os mais grosseiros tipos de mulher.

«Estes olhos inocentes cravam-se-me na alma como navalhas», dizia com o seu riso falso, sem que se pudesse interpretar a metáfora como mais do que uma expressão de afeto sensual. Como quase «a havia libertado da corda que a enforcava», não fazia cerimónia e, declarando-se «prejudicado», valia-se da ilimitada docilidade e submissão de Sofia para ignorar a mais elementar decência da vida conjugal, recebendo libertinas debaixo do mesmo teto e entregando-se a orgias desenfreadas na presença da esposa. Tenho que dizer, para que vejam a que ponto chegaram as coisas, que

Grigory, o sombrio, estúpido, teimoso e respondão criado, que tinha aversão à primeira mulher, Adelaide Ivanovna, se mostrou decidido partidário desta. Capitaneava a sua causa, injuriando Fiódor Pavlovitch de maneira pouco conveniente a um criado e, certa ocasião, desmanchou uma festa, pondo fora de casa, sem cerimónia, todas as amigas do amo. A desgraçada mulher que vivera desde a infância dominada pelo terror, acabou por contrair uma dessas doenças nervosas tão frequentes entre as mulheres do povo, a quem se crê «possuídas pelo demónio». Por vezes, os seus ataques de histerismo faziam-na perder o conhecimento.

Deu a Fiódor Pavlovitch dois filhos: Ivan, no primeiro ano do matrimónio, e Alexey, três anos depois. Este contava quatro anos quando perdeu a mãe e, por estranho que pareça, consta-me que a recordou, ainda que vagamente, toda a vida. Morta a mãe, os filhos tiveram uma sorte parecida com a do irmão mais velho, Mitya. Ficaram no abandono e esquecimento completos. Também deles cuidou Grigory na sua cabana, de onde os levou a despótica velha que criara a mãe. Incapaz de esquecer o que considerava um insulto de Sofia, durante aqueles oito anos não cessou de obter notícias exatas da maneira como vivia, e, a par da doença e da horrível companhia que tinha de suportar, declarou mais de uma vez às suas visitas e amizades:

– É bem feito! Deus castigou a ingrata.

Transcorreram três meses, e uma tarde apareceu de imprevisto a mesma generala, não parando até chegar a casa de Fiódor Pavlovitch. Pouco tempo se demorou, mas conseguiu muito. O viúvo da sua protegida, a quem não via desde antes da boda, recebeu-a bêbedo que nem um cacho, e dizem que, quando a velha o viu à sua frente, se aproximou dele decididamente e, sem outro preâmbulo que duas sonoras bofetadas aplicadas com mão de mestra, uma em cada face, lhe agarrou nas guedelhas e o sacudiu como se de um boneco de trapos se tratasse. Depois, dirigiu-se como uma flecha ao pavilhão dos criados em busca dos rapazes e, notando à primeira vista que estavam sujos, pregou a Grigory, sem qualquer advertência, um soco em pleno rosto, e, anunciando-lhe que levava as duas crianças, embrulhou-as num cobertor, meteu-as no coche e mandou este partir imediatamente.

Grigory aceitou o golpe sem pestanejar. Com a resignação de um escravo, acompanhou a velha senhora até à carruagem e despediu-se com uma profunda reverência e estas palavras de ternura:

– Deus vos pague a caridade que tendes para com os órfãos.

– Tendes todos cabeça de pedra! – gritou-lhe a generala quando o coche arrancou.

Fiódor Pavlovitch chegou à conclusão que o sucedido era «uma grande coisa», e não viu qualquer inconveniente em dar o seu consentimento formal a quantas propostas lhe fez a viúva do general, com respeito à educação dos filhos. Quanto aos sopapos... não houve cão nem gato que se livrasse de ouvir como lhos haviam pregado.

E sucedeu que a velha morreu pouco depois, mas não sem ter deixado no testamento mil rublos a cada criança «para a sua educação; de tal maneira que os usarão eles só e com a condição de que sejam divididos proporcionalmente até que cheguem aos 21 anos, pois a soma é mais do que suficiente para esses rapazes». Não li o testamento, mas disseram-me que contém cláusulas originais pelo seu estilo, numa redação caprichosíssima. Afortunadamente, o herdeiro principal, Yefim Petrovitch Polenov, chefe da nobreza da província, era um homem com grande coração.

Escreveu a Fiódor Pavlovitch e, compreendendo que nada conseguiria de quem, sem negar diretamente nada para a educação dos filhos, só dava opiniões sem interesse, embora mostrando-se efusivo e sentimental, encarregou-se a sós da educação dos órfãos. Inspirava-lhe carinho especial o mais novo, Alexey, que viveu muito tempo como membro da sua família. Rogo ao leitor que dê atenção a isto desde já. Toda a educação e boas maneiras as deveram, os dois irmãos, mais do que a ninguém, a Yefim Petrovitch, homem de alma nobre e bondosa, como há poucos. Guardou-lhes os mil rublos, e quando chegaram à maioridade receberam a soma duplicada por acumulação de juros. Educou-os à sua custa e gastou, com cada um, mais de mil rublos. Não quero analisar pormenorizadamente a infância e juventude dos dois órfãos: mencionarei somente alguns dos mais importantes acontecimentos.

De Ivan direi apenas que criou esse carácter triste e reservado que nada tem a ver com a timidez. Aos 10 anos dava-se perfeita conta de que vivia da caridade de gente estranha e de que não podia falar do seu pai sem se envergonhar. Muito cedo, pelo menos assim o asseguravam, revelou uma extraordinária disposição para as ciências. Não sei precisamente a que se deveu o facto de deixar a casa de Yefim, quando contava apenas 13 anos, para entrar numa academia de Moscovo, hospedando-se em casa de um célebre professor, amigo do seu protetor.

O mesmo Ivan declarou depois que fora tudo causado pela «paixão» que Yefim Petrovitch «sentia pelos livros», e a quem dominava a ideia de que o talento de uma criança requer um guia. Mas nem o mecenas nem o professor eram já deste mundo quando o jovem entrou com os primeiros títulos académicos na universidade. O estudante passou com dificuldades os primeiros anos da carreira universitária, porque Yefim não tivera o cuidado de deixar regulada a entrega da herança

da tirânica velha e, sofrendo os atrasos que implicam os indispensáveis requisitos na Rússia, teve de ganhar a vida enquanto duraram os seus estudos. É preciso ver que nunca tentou recorrer ao pai, fosse por orgulho, ou repugnância, ou porque o seu sereno juízo o avisasse de que nenhuma ajuda dali poderia esperar. Não perdeu o jovem, por isso, o alento, e teve a sorte de encontrar trabalho ao princípio, dando lições por uma quantia mesquinha, e depois escrevendo artigos para jornais sobre ocorrências do dia a dia nas ruas, com a assinatura de «A testemunha ocular». Estes artigos eram tão interessantes e mordazes, segundo contam, que não tardaram a alcançar um notável êxito. Isto já prova a superioridade prática e intelectual do estudante sobre a massa desses necessitados e infelizes de ambos os sexos que pululam pelos escritórios e redações, incapazes de oferecer outros serviços que não sejam os de copiar artigos e traduzir do francês. Adquiriu relações entre os escritores, soube conservá-las e, nos seus últimos anos de carreira, publicou brilhantes críticas de livros que lhe deram fama nos círculos literários. No último ano de curso conseguiu chamar a atenção fora do reduzido círculo dos seus leitores, adquirindo certa popularidade. Foi um caso curioso.

Terminados os estudos, preparava-se para uma viagem ao estrangeiro, com os seus dois mil rublos, quando publicou num dos mais procurados periódicos um oportuno artigo que despertou o interesse geral, sobre um assunto que poderíamos pensar seria desconhecido por completo a um estudante de ciências naturais. Falava da atuação dos tribunais eclesiásticos, tema muito discutido naqueles tempos. Depois de estudar várias opiniões, dava a sua, sendo o mais surpreendente o tom e o inesperado das conclusões do artigo. Grande parte do clero acolheu-o indiscutivelmente como defensor da sua causa; exaltaram-no os leigos e mesmo os ateus lhe deram aplausos, até que algumas pessoas, mais sagazes ou clarividentes, opinaram que o artigo se reduzia a uma sátira audaz, a uma burla insolente. Aponto este feito porque o artigo produziu um desconcerto dos diabos na comunidade do nosso vizinho mosteiro, a que importava de maneira especial o comportamento dos tribunais. O nome do autor não os orgulhou pouco ao saberem que era da cidade e nada menos que filho «desse Fiódor Pavlovitch».

E com isto chegou o próprio autor até nós. Recordo que eu mesmo fiquei inquieto perguntando-me porque teria vindo, e não encontrei explicação suficiente para a causa dessa malfadada visita que ocultava a origem de gravíssimas consequências. Pensando bem, é de surpreender que um jovem culto, orgulhoso e precavido habitasse uma casa tão mal afamada com um pai desnaturado, que nunca lhe prestou atenção, sabendo apenas vagamente que existia, e que por nada do mundo lhe teria prestado a menor assistência. Aliás, temera sempre que Ivan e Alexey lha pudessem pedir. Ivan alojou-se em casa dele e viveu nela nas melhores

relações durante dois meses. E era isto que causava admiração tanto aos outros como a mim. Pyotr Alexandrovitch Miusov, de quem já falámos, viera de Paris visitar as suas propriedades, e recorro que se mostrou mais surpreendido do que ninguém ao conhecer o jovem cujo trato lhe interessava em extremo e com quem discutia às vezes, amargando-lhe intimamente a vantagem que o jovem levava sobre si em conhecimentos.

– O seu orgulho – afirmava – não lhe permitiria mendigar nada. Além disso, o que tem chega e sobra-lhe para partir para o estrangeiro. Que espera daqui? Salta à vista que não se deixa ficar por interesse, pois o seu pai nunca lhe daria um centavo. Não é amigo de bebidas, nem de folguedos, e o pai nada pode fazer sem ele. Se vivem como dois íntimos!...

E era verdade que exercia evidente influência sobre o pai. Conseguiu este portar-se com mais decência e a todo o momento se mostrava disposto a obedecer ao filho, embora sempre, e apesar de tudo, continuasse sendo um pervertido.

Mais tarde, soubemos que a vinda de Ivan se devia, em parte, ao pedido e interesse do seu irmão Dmitri, que conheceu então, mas com quem, antes de deixar Moscovo, mantivera correspondência sobre um assunto que interessava mais ao outro que a si. Saberão oportunamente de que se tratava. Mas, embora conhecendo estas circunstâncias especiais, não me pareceu menos enigmático o carácter de Ivan, nem menos misteriosa a sua visita.

Acrescentarei que por essa altura deixou bem clara a sua mediação no conflito surgido entre o pai e Dmitri, que ruminava sempre como armar-lhe contenda.

Já disse que os irmãos se reuniam e conheciam pela primeira vez, e, embora Alexey viesse um ano antes, é-me mais difícil falar dele do que dos outros. Mas darei alguns antecedentes, ainda que só para vos explicar a sua tomada de hábito. Estava no nosso mosteiro e parecia contentíssimo com a sua vida de convento.

CAPÍTULO IV

ALIOCHA

Por esta altura, Aliocha contava 20 anos, o seu irmão Ivan tinha 23, e 27 o mais velho, Dmitri. Declaro que este Aliocha não era fanático e ainda estou convencido de que não chegava a místico. Prefiro dar a minha sincera opinião desde o princípio, dizendo que era simplesmente um precoce filantropo e que elegeu a vida monástica porque o seduziu então como uma porta que se lhe abria nas trevas da iniquidade mundana às claridades da paz e do amor. E levou-o a lançar-se-lhe com júbilo o ser extraordinário que, lá dentro, lhe estendia os braços: o nosso famoso e venerável Zóssima, a quem se ligou com todo o afeto do seu ardente coração. Não negarei que, por esses tempos, era dominado por um carácter muito raro e que foi original desde o berço. Já afirmei que mantive toda a vida a recordação do rosto da mãe e das suas carícias: «Parece que a estou a ver a meu lado.» É sabido que tais recordações se podem guardar desde uma idade muito tenra, mesmo a partir dos 2 anos, mas só como vislumbres nas trevas da vida, como fragmentos de um quadro que escapou aos agentes que borravam o resto da pintura. Assim se guardavam dentro de si. Recordava uma janela aberta à ténue brisa de uma tarde de verão; os fracos raios do sol poente foi o que melhor impresso ficou na sua mente. Num recanto da sala, uma imagem bendita ante a qual ardia uma lamparina e se prostrava sua mãe, agitada por soluços, como que atacada de histerismo, em pranto clamoroso, segurando-o nos braços, apertando-o contra o seio a ponto de o magoar, rogando pela criança à Mãe de Deus, e erguendo-o depois até à imagem como que para pô-lo sob a proteção da Virgem..., e logo aparecia uma criada que o arrancava com terror do regaço maternal. Era este o quadro. O rosto da mãe, naquele transe, estava iluminado pelo delírio, mas formosíssimo, segundo confessava o filho aos raros confidentes desta visão retrospectiva.

Desde criança mostrou-se muito pouco expansivo. Detestava tanto a loquacidade quanto amava o silêncio, e não por desconfiança, mau humor ou misantropia, mas por certa preocupação íntima e pessoal que em nada se relacionava com o próximo, mas tão arreigada que ameaçava afastá-lo de todos. E a verdade é que queria tanto ao próximo que, se bem que ninguém pudesse tomá-lo por bobo ou incauto, parecia ter-lhe confiado implicitamente toda a sua vida. Certas delicadezas de trato deixavam transparecer que não se permitia julgar os demais, que nunca tomaria o direito de criticar os atos alheios, nem condenar ninguém por coisa alguma. Vi-

vendo aos 20 anos no lar paterno convertido num asqueroso lugar abominável, retirava-se em silêncio quando a sua pureza não suportava certas cenas, mas sem deixar sequer antever que mereciam desprezo e maldição. O pai, que além de ser impertinente e brigão recordava os próprios anos de parasita, olhava-o, a princípio, com receio e resmungando sempre: «Nada diz, mas cisma muito.»

Onde quer que fosse, este moço conquistava logo a estima de quem com ele tratava. Quando chegou à casa senhorial do seu benfeitor Yefim Petrovitch Polenov, toda a família ficou presa a ele, ao ponto de o tratar como a um filho. A sua tenra idade permite atribuir isto aos desígnios de conquistar afeto com artifícios. Fazia com que gostassem dele espontaneamente, por uma virtude inata que brotava, por assim dizer, da sua alma e do seu sangue. E o mesmo sucedia na escola, embora se assemelhasse a um desses rapazes destinados a atrair a desconfiança, a burla e a malvadez dos companheiros, porque era meditabundo e apartadiço, e desde os primeiros anos gostava de se retirar para um canto para ler tranquilamente. Contudo, foi o favorito enquanto frequentou a escola e, embora raramente o vissem divertido ou jovial, ninguém lho levava a mal sabendo-o franco e bondoso. Nunca tentou distinguir-se entre os companheiros e talvez por isso não temesse ninguém. Os próprios rapazes compreenderam que não era orgulhoso de si mesmo e parecia não se precaver com o seu ânimo e valentia. Nunca se mostrou ofendido e, quando isso se justificaria, dirigia a palavra ou respondia a quem o injuriava com tal confiança e candura que ninguém acreditaria que se tivesse passado alguma coisa. E não é que se esforçasse por esquecer a afronta, mas que não se considerava nunca ofendido. Isto cativava os companheiros. É de notar uma característica a que se ficou a dever o facto de todos os rapazes se juntarem para rir de Alexey, mais por vontade de se divertir do que por malícia. Não podia ouvir certas palavras e conversas alusivas ao outro sexo. Há certas frases picantes tão arreigadas entre os estudantes que até rapazes puros de coração e pensamento, quase ainda crianças, mostram uma afeição desmedida em as referir em voz alta relacionando-as com pinturas e imagens, com tal à-vontade que ruborizariam até um soldado. Muitos veteranos ignoram certos pormenores muito familiares aos jovens da nossa classe alta e intelectual. E não é depravação amoral ou cinismo, embora talvez pareça, que os envaidece como se se tratasse de uma prova de refinamento, de masculinidade, de agudeza, de algo estimável e digno de imitação. Mas Aliocha tapava os ouvidos para não ouvir obscenidades e então os seus condiscípulos afastavam-lhe as mãos à força e lançavam-lhe uma rajada de grosserias de cada lado, enquanto ele opunha resistência conforme podia, caía ao chão e tratava de se escapular sem uma palavra de recriminação, suportando os insultos em silêncio. Acabavam por deixá-lo e até pararam de lhe aplicar a alcunha de «menina», vendo no seu recato natural uma

debilidade digna de compaixão. É preciso ainda dizer que era dos mais aplicados, embora nunca alcançasse o primeiro lugar na classe.

Quando morreu Yefim Petrovitch, faltavam dois anos a Aliocha para acabar os estudos na academia da província. A inconsolável viúva partiu em seguida para uma grande viagem por Itália, em companhia das filhas, e Aliocha passou a viver com duas senhoras, parentes longínquas de Yefim, a quem nunca vira. Isto pouco importava ao jovem – nunca o preocupou quem o mantinha. Oferecia um verdadeiro contraste com o irmão, Ivan, que lutou com necessidades durante os primeiros anos da sua carreira, mantendo-se com o próprio esforço, e a quem amargurava, já em criança, pensar que vivia da caridade. Mas, no meu entender, esta particularidade de Aliocha não se deve criticar muito severamente, pois, por pouco que se o conhecesse, descobria-se nele um desses jovens, do tipo dos religiosos entusiastas, que, se entram de repente na posse de uma fortuna, não tardam a desfazer-se dela em obras de caridade ou em favor do primeiro malandro que lhes aparece. Ignorava o valor do dinheiro; claro que não num sentido literal, e quando obtinha algum, sem nunca o pedir, era-lhe igual gastá-lo num momento ou deixá-lo para sempre no bolso por não saber que fazer-lhe.

Anos atrás, Pyotr Alexandrovitch Miusov, homem muito impressionável no tocante a riquezas, dizia de Aliocha:

– É uma pessoa a quem poderíeis abandonar com os bolsos vazios entre um milhão de habitantes sem lhe causar grande dano; não morreria de fome nem de frio, embora não conhecesse ninguém. Alguém lhe ofereceria num momento amparo e alimentação e, quando não, ele mesmo encontraria, sem esforço nem humilhação, um protetor a quem, longe de se lhe tornar uma carga, proporcionaria verdadeiro prazer.

Um ano antes de terminar os estudos na academia, anunciou às senhoras que partia para ver o pai, a fim de resolver um assunto. As senhoras, ainda que desgostosas e cheias de pesar, não lhe consentiram que empenhasse o relógio, preciosa recordação do seu benfeitor, para a custosa viagem. Entregaram-lhe dinheiro de sobra e equiparam-no esplendidamente de roupa. Aliocha devolveu-lhes metade da quantia monetária, declarando o seu desejo de viajar em terceira classe. Ao chegar à cidade, e à pergunta do pai porque vinha sem acabar os estudos, não deu resposta e permaneceu algumas horas como que absorto. Logo se deu conta de que queria visitar a campa da mãe, e, ao princípio, desejou veementemente que fosse este o único objetivo da sua viagem; mas era demasiado difícil admitir que não havia outro motivo. Provavelmente, o próprio Aliocha não compreendia ou não podia explicar que voz imperiosa se fazia ouvir na sua alma, obrigando-o a tomar uma senda nova, desconhecida, mas inevitável. Fiódor Pavlovitch não sabia dizer

onde se encontrava enterrada a segunda mulher. Desde que lançara os primeiros punhados de terra sobre o ataúde, não se preocupara em voltar mais ao cemitério, e, com os anos, esqueceu por completo o sítio onde fora aberta a cova.

Além disso, Fiódor Pavlovitch não estivera sempre na cidade. Três ou quatro anos após a morte da mulher viajou pelo Sul da Rússia, e instalou-se em Odesa durante vários anos. Começou, segundo contava, relacionando-se com «uma porção de judeus maltrapilhos e toda a sua parentela, e acabou por ser admitido em casa dos mais endinheirados com a mesma consideração que na dos mais miseráveis». É de supor que nessa altura se desenvolveu nele uma pequena destreza para adquirir e amontoar dinheiro. Chegou à nossa cidade só três anos antes de Aliocha. As antigas amizades acharam-no terrivelmente envelhecido, ainda que muito distante da senilidade. O velho manhoso mostrava-se muito próspero a difundir a sua vaidade entre os outros; a sua depravação com mulheres era ainda mais repugnante, e, em pouco tempo, semeou a comarca de tabernas. Dono de cem mil rublos, ou pouco menos, muitos vizinhos da cidade e conterrâneos lhe ficaram prontamente devedores e estavam, portanto, a bom recato. Mais tarde parecia muito inchado, mais irresponsável, mais vaidoso e incoerente; começava uma coisa, logo a abandonando para começar outra, como se estivesse transtornado. Cada dia eram mais frequentes as suas bebedeiras e, se não fosse o criado Grigory, que também envelhecera consideravelmente e o tratava como um tutor, ter-se-ia visto em gravíssimos apuros.

A chegada de Aliocha pareceu afetar a sua moralidade, como se despertasse qualquer coisa que, havia tempo, estava morta na alma daquele velho.

– Sabes que te pareces imenso com a pobre louca? – perguntava ao contemplar a semelhança entre o filho e a mãe.

E foi Grigory quem mostrou a Aliocha a campa da «pobre louca», como lhe chamava o viúvo. Acompanhou-o até ao cemitério e mostrou-lhe, num canto afastado, um modesto epitáfio de ferro fundido com o nome e a idade da defunta e a data da sua morte e, abaixo, uma estrofe segundo a moda antiga da classe média. Surpreendeu o jovem que tudo aquilo fosse obra de Grigory; este colocara o epitáfio sobre a sepultura da «pobre louca», pagando-o do próprio bolso quando se cansou de o pedir ao amo, em vão, antes da partida deste para Odessa, sem ter cuidado da campa nem de nada. Aliocha não revelou grande emoção perante o espaço de terra onde jazia sua mãe, e escutou cabisbaixo o relato solene e minucioso da construção do simples monumento, retirando-se em seguida sem articular palavra. E já não voltou ao cemitério senão depois de passado, pelo menos, um ano.

Este episódio, tão insignificante, influenciou Fiódor Pavlovitch de maneira bem original. Num arrebatamento, pegou em mil rublos e deu-os ao mosteiro

para que dissessem missas de *requiem* por sua mulher; não pela mãe de Aliocha, a «pobre louca», mas pela primeira, Adelaide Ivanovna, que parecia assombrá-lo. Embriagou-se naquela mesma noite, e encheu de injúrias os monges, em frente de Aliocha. Longe de ser devoto, pode dizer-se que nunca na sua vida acendeu uma vela a um santo; mas com frequência se dão tais tipos a esses súbitos impulsos de sentimentalismo.

Já aponte que parecia inchado. Os traços do rosto eram testemunho fiel da vida que levava. Por entre os enormes papos que existiam nele viam-se uns olhos pequeninos que encaravam as pessoas sempre descaradamente, entre suspeitosos e irônicos; as rugas que sulcavam as faces e a nudez da garganta que se destacava em várias papadas sob a barba pontiaguda davam uma impressão repulsiva de sensualismo. A boca abria-se, demasiado grande e de lábios grossos, por onde espreitava a ruína de uma dentadura em péssimo estado. Começava sempre a falar arfando. Gostava de se servir do próprio rosto para agradecer, mas creio que o satisfazia possuí-lo; por qualquer razão dedicava um cuidado especial ao nariz, de conspícuo e delicado perfil aquilino.

– Um perfeito nariz de romano – comentava com orgulho. – Com a minha barbicha, tenho todo o aspeto de um velho patrício na decadência.

Pouco depois, Aliocha comunicava-lhe sem preâmbulos o seu maior e mais santo desejo de entrar no convento, onde já o aguardavam os monges de braços abertos, e pedia-lhe a necessária autorização. O astucioso velho, que adivinhava quão vivamente o venerável Zóssima, que vivia num retiro no eremitério, impressionara o seu «belo rapaz», escutou o pedido pensativo e em silêncio, e, sem deixar antever a menor surpresa, começou em jeito de sermão:

– Este é o mais honrado dos monges, desde já. Bem!... Com que então queres viver com ele, meu belo rapaz!... – Estava quase bêbedo e gesticulava com esses gestos lentos em que o alcoólico parece tentar uma infeliz luta. – Bem!... Já pressentia que acabarias com qualquer coisa nesse estilo. Acreditas-me? E fazes bem, caramba! Já tens os dois mil rublos que serão o teu dote; além disso, nunca te abandonarei, meu anjo; darei por ti tudo o que me pedirem, se mo pedirem. Mas, claro, que se nada pedem, porque havemos de nos atormentar? Não te parece? Afinal, tu não gastas mais do que um canário, dois grãos por semana. Bom!... Sabes que junto de um convento há sempre um lugar onde nem as crianças ignoram que vivem as «mulheres dos monges», como lhes chamam? Trinta fêmeas, creio! Eu mesmo as vi. Digo-te que são de primeira, pois que na variedade está o gosto. O mal é que todas são russas de respeito; não há francesas. Claro que lhes sobra dinheiro para as poderem trazer quando quiserem. Se soubessem como é bom, fá-las-iam acudir de todo o lado. Bom, aqui não há nada disso: os monges

não têm amigos, vivem honestamente e jejuam, concedido... Bom, bom... Com que então desejas fazer-te monge? Digo-te que me causa verdadeira tristeza a nossa separação, Aliocha. Queres acreditar que te idolatrava? Bem, és uma dádiva da providência; tu rogarás por nós, pecadores, porque se pecou muito, muito, nesta casa. Sempre me preocupei, sem saber quem quieria rezar por mim e duvidava se encontraria alguém no mundo que quisesse encarregar-se desse trabalho, porque, se me vens com rezas e pregações, tenho de confessar-te que sou um solene estúpido! Não fazes ideia!... Um solene estúpido! Mas repara: por parvo que seja em assuntos celestiais, pensei neles. Pensei algumas vezes, não julgues que foi sempre. É impossível que, quando morrer, os diabos não deixem de me arrastar com as suas cadeias. E o que me intriga são as cadeias. De onde as tiram? De que são? De ferro? Em que lugar se forjam? Possuem lá uma forja? Os monges do mosteiro devem crer que no Inferno há um teto, por exemplo. É mais distinto, mais explicável, mais luterano, isso é. Depois de tudo, pouco importa que haja ou não haja teto; mas esse teto implica uma endiabrada questão, sabes? Se lá não existem fábricas, não pode haver cadeias, e se não há cadeias, vem tudo por água abaixo e não temos mais em que pensar; o que também é inverosímil, porque, então, como me arrastariam para o Inferno? E se não me arrastam para o mais fundo, que justiça há neste mundo? *Il faudrait les inventer*, estas cadeias, mesmo que só para mim, porque, se tu soubesses, Aliocha, que patife eu sou!...

– Mas ali não fazem falta as cadeias! – assegurou Aliocha, olhando o seu pai com doçura e seriedade.

– Sim, sim; já nem há sombras das cadeias. Já sei, já sei. Ouve como um francês pinta o Inferno: «*J'ai vu l'ombre d'un cocher, qui avec l'ombre d'une brosse, frottait l'ombre d'une carrosse.*» Mas quem te disse que não existem tais cadeias, meu querido filho? Quando estiveres entre os monges, dançarás a outro compasso. Parte e procura a verdade, e então vem dizer-me o que há de certo. Qualquer caminho para o outro mundo nos será mais cómodo se soubermos o que ali se passa. Além disso, é mais conveniente para ti a companhia dos monges do que a de um velho bêbedo e a de mulherzinhas... embora, como és um anjo, nada te manche. Era capaz de jurar que nem lá diminuirá a tua pureza; deixo-te ir, porque assim o espero. Agora pões nesse teu desejo todos os sentidos, toda a inteligência. Ao princípio arderás até te consumires, mas, em se acabando a tua fogsidade, voltarás para casa. Aqui te aguardarei; vejo que és a única pessoa no mundo que não me condena. Acredita-me, meu filho, que o adivinho; não posso deixar de o adivinhar.

E começou a choramingar. Era um sentimental; tão malvado como queiram, mas um sentimental.

CAPÍTULO V O PRESBÍTERO¹

Talvez alguém pense que Aliocha seria um jovem doente, pálido e consumido por devoções e desmaios. Mas não: era um moço de 19 anos, de estatura regular, rosto corado e olhar claro e simpático. O cabelo castanho-escuro enquadrava um rosto de linhas harmoniosas, delicadamente ovaladas, com testa espaçosa e olhos rasgados e brilhantes. Tudo isto lhe dava um ar concentrado sem perda da sua tranquilidade.

Seria preciso afirmar que o rosto corado não é incompatível com o misticismo e o fanatismo, mas parece-me que Aliocha era tão realista como qualquer outro. Sim, não nego que o mosteiro acreditaria de todo em milagres; mas no meu entender os milagres não são nunca uma pedra de escândalo para os realistas, nem os predisõem a acreditar. O verdadeiro realista, que também seja incrédulo, sempre encontrará forças e argúcias para negar o milagre, e, se dá com ele como um feito irrefutável, preferirá não dar fé aos seus sentidos a admitir o acontecimento. E, se o admite, tê-lo-á como um fenómeno natural que está ainda fora da investigação científica. Para um realista não nasce a fé do milagre, antes o inventa, e quando o realista crê, chega mesmo a confiar ao seu realismo a aceitação do milagre.

O apóstolo Tomé disse que não creia sem primeiro ver, mas, quando viu, exclamou: «Meu Senhor e meu Deus!» Será que creu obrigado pelo milagre? Não é provável; creu apenas porque desejava crer, e é possível que no seu coração já cresse quando dizia: «Não acreditarei, enquanto não o vir.»

Talvez tenha deixado suspeitar que Aliocha era de pouco alcance, pouco desenvolvido, que abandonou os estudos, e outras coisas. No que respeita aos estudos, é verdade; mas dizer que era estúpido ou duro de compreensão seria uma grande injustiça. Decidiu-se a mudar de vida, como antes disse, por considerá-lo um meio de elevar a alma acima das trevas. Isso sem contar que, até certo ponto, pertencia a esses jovens da passada época que, guiados pela sua honradez nata, procuravam a verdade crendo nela e estavam prontos a colocar ao seu serviço todas as suas forças, toda a sua atividade, e a sacrificar-lhe tudo, mesmo a própria

¹ Embora este vocábulo tenha já perdido o seu sentido primitivo de chefe hierárquico de uma comunidade religiosa – não necessariamente claustral – e se aplique indistintamente a todo o clérigo investido de dignidade sacerdotal, conservá-lo-emos aqui como a tradução mais exata do russo *starets* («ancião»), com o significado adicional de «ancião venerável», que corresponde também ao grego *presbyteros*. Acaba por ter o significado mais específico de «abade».

vida. Infelizmente, esses jovens não compreendem que o sacrifício da vida é, em muitos casos, o mais fácil, e o de cinco ou seis anos, por exemplo, da sua fogaosa juventude, que lhes pode permitir multiplicar por dez os meios de serem úteis à verdade e à causa que querem servir, é um sacrifício superior às forças de muitos. O caminho que Aliocha seguiu também ia em sentido oposto, mas empreendeu-o com um ardente desejo de heroísmo. Desde que começou a refletir seriamente, convenceu-se da existência de Deus e da Imortalidade e, em seguida, dizia como que por instinto: «Quero viver para a vida eterna, afastado de tudo o que a possa comprometer.» Se tivesse decidido que nem Deus existia, nem a sua alma era imortal, ter-se-ia declarado do mesmo modo socialista ou ateu, porque o socialismo não é meramente um problema de trabalho: antes de mais, é a forma em que se apresenta hoje o ateísmo, é o problema da torre de Babel construída nas costas de Deus, não para subir da terra ao Céu, mas para que o Céu desça à terra. Ao jovem, era superior a si mesmo continuar a viver como até então; chegou a ser-lhe impossível, depois de ver o que estava escrito: «Se queres ser perfeito, dá o que tens aos pobres e segue-me.»

E Aliocha pensava: «Poderei eu entregar dois rublos em vez de “tudo” e contentar-me em ir à missa em vez de O seguir?»

Talvez que as recordações de infância o fizessem inclinar-se para o convento a cuja igreja a mãe o levava com frequência; trabalhassem poderosamente na sua vocação os raios de um sol caduco e a santa imagem a quem o oferecera um dia a «pobre louca» ou, preocupado com a ideia da perfeição, talvez tivesse vindo a casa verificar se poderia desprender-se de tudo o que o rodeava ou apenas dos «dois rublos», e o presbítero faria o resto...

Permiti agora que explique o que era um presbítero nos mosteiros russos. Custa-me não estar perfeitamente documentado, mas tentarei dar uma ideia superficial em meia dúzia de palavras. Cronistas autorizados afirmam que a instituição dos presbíteros não data de mais de um século entre nós, embora a igreja ortodoxa do Oriente, com mais profundas raízes nos montes Sinai e Atos, tenha mais de mil anos de duração. Há quem defenda essa antiguidade na Rússia, mas que desapareceu entre as calamidades que transtornaram este país: os tártaros, a guerra civil, a interrupção de relações com o Oriente depois da ruína de Constantinopla, até que um dos grandes «ascetas», como chamam a Paissy Velitchkovski, e os seus discípulos, a restauraram. Hoje são poucos os mosteiros russos que gozam da graça de ter um presbítero, alguns dos quais ou se viram perseguidos como inovadores odiosos ou adquiriram sumo poderio, como os célebres de Kozetsk e Optin. Como e quando se introduziu esta instituição no nosso mosteiro, não poderei dizê-lo; só sei que Zóssima era o último dos quatro que teve, que estava já

muito acabado devido aos jejuns e doenças, não havendo ninguém que o pudesse substituir, o que era grave problema para um mosteiro que não se distinguiu em nada até ali, nem em relíquias de santos, imagens prodigiosas, tradição de glória, ou por uma simples proeza histórica. Gozou de prosperidade e estendeu o seu nome por toda a Rússia graças ao prestígio dos seus presbíteros, a quem visitavam milhares de peregrinos procedentes de todo o lado.

O que é um presbítero? Um presbítero apodera-se da vossa alma e vontade para moldá-las à própria alma e vontade. Ao eleger a sua direção espiritual, submeteis-vos abnegadamente, renunciando a vós mesmos. A este noviciado, a esta escola de renúncia, entram de livre vontade os que anseiam pela conquista e domínio de si mesmos, a fim de alcançarem, através de uma vida de obediência, a liberdade perfeita, desligados de toda a paixão que promove a própria desconfiança. Nenhuma teoria esclarece esta instituição formada no Oriente por mil anos de prática. O compromisso que contrai o devoto de um presbítero não se limita à obediência vulgar que se observa em qualquer convento, pois que fica obrigado à confissão e a unir-se-lhe por laços indissolúveis.

Contam que, nos primeiros anos do Cristianismo, um noviço desobediente ao presbítero abandonou o seu mosteiro na Síria e chegou ao Egito, onde, depois de feitos muito importantes, mereceu sofrer o martírio. Quando a Igreja lhe tributava honras de santo, pois que por tal o conhecia, dizem que, quando o diácono proferiu «Saíam os profanos», o féretro que continha o corpo do mártir se moveu, precipitando-se para fora do templo. Três vezes se repetiu o prodígio. Perceberam então que aquele santo tinha quebrado o voto de obediência e não poderia ser perdoado, com todas as suas virtudes, sem a absolvição do presbítero a quem abandonara. Só depois de obtida esta, puderam levar a cabo os funerais. Bom, é uma velha lenda, mas conto em seguida um exemplo recente:

Um monge recebeu do seu presbítero a ordem de sair de Atos, que era um lugar sagrado e um porto de refúgio; teria de visitar o Santo Sepulcro e partir logo para o Norte da Sibéria, porque «é ali o teu posto e não aqui». Abatido, pesaroso, dirige-se o monge ao patriarca ecuménico de Constantinopla, solicitando-lhe que o dispense da sua obediência. O patriarca responde que não pode fazer-lhe a vontade, pois não há poder na terra que possa valer-lhe a não ser o do próprio presbítero a quem se havia submetido.

Em certos casos, os presbíteros achavam-se revestidos de uma autoridade sem limites, inexplicável, a que se deveu a resistência e quase perseguição que em alguns conventos lhes foi oposta. Não obstante, esses seres atraíam imediatamente a vontade e simpatia do povo ignorante e de bom número de pessoas de posição, que acudiam em massa aos nossos mosteiros para lhes expor as suas dúvidas, os

seus pecados e misérias, e pedir conselho e penitência. Gritavam os inimigos que isto depreciava a confissão de maneira arbitrária, embora o direito que tinham o monge e o leigo de abrir os seus corações não participasse em absoluto do carácter sacramental. A instituição acabou por prevalecer. Claro que este instrumento que deu testemunho, durante dez séculos, da regeneração moral do homem que passa da escravidão à liberdade e perfeição espiritual podia ser uma arma de dois gumes e conduzir tanto à humildade e a uma pronta tranquilidade de consciência como à mais satânica soberba; quero dizer, à servidão e não à liberdade.

O venerável Zóssima andava nos 65 anos. Pertencia a uma casa abastada e na sua juventude fora militar e servira como oficial no Cáucaso. Algum dote peculiar o devia ter prendido a Aliocha, a quem amava e por quem se deixava tratar. O jovem vivia na cela do velho, desligado de obrigações e com liberdade para ir aonde lhe apetecesse, podendo mesmo permanecer ausente durante vários dias. Usava o hábito por gosto, para não se diferenciar dos outros noviços. É possível que a fama e a autoridade do presbítero agitassem vivamente a sua imaginação juvenil, pois dizia-se que tantas e tantas almas haviam confessado ao padre Zóssima as suas culpas, pedindo-lhe palavras de consolo e de saúde, que chegou a adquirir uma pronta intuição em saber à primeira vista o que desejava um desconhecido e descobrir-lhe as inquietações da consciência. Com frequência surpreendia e alarmava quem o visitava, dizendo-lhes os segredos antes que falassem.

Notava Aliocha que muitos, quase todos, se aproximavam pela primeira vez com temor assustado e partiam de rosto radiante de felicidade, e admirava-se de que o ancião se mostrasse sempre mais propenso à alegria do que à austeridade. Dizia-se no convento que exercia especial atractivo sobre os maus e despertava mais amor nos outros pecadores. Alguns monges chegaram até a odiá-lo por inveja, e entre os invejosos, que eram poucos e calados, havia monges de grande prestígio, como um dos mais velhos, que se distinguiu sempre pelo rigor dos jejuns e do silêncio. A maioria defendia o padre Zóssima e amava-o com toda a alma, sem que faltassem os devotos fanáticos que declaravam em voz baixa estar fora de dúvida a santidade do presbítero. Como vissem perto o seu fim, prometiam-se milagres, gozando adiantadamente a imensa glória que havia de alcançar o mosteiro com as suas relíquias... Aliocha tinha uma fé tão inquebrantável na virtude taumaturga do presbítero como na história do féretro que se precipitou para fora da igreja. Vira muita gente procurá-lo para que impusesse as suas mãos sobre os filhos ou parentes doentes e, logo, talvez mesmo no dia seguinte, despedir-se dele chorando e ajoelhando-se a seus pés em ação de graças por lhes haver obtido a saúde.

A Aliocha não se punha a questão de tais fenómenos serem verdadeiras curas ou simples períodos de melhoria; acreditava firmemente no poder do mestre e regozijava-se com a sua fama, na sua glória, sentindo-se participante de todos os triunfos. Batia-lhe fortemente o coração, subindo-lhe ao rosto uma chama de alegria sempre que se apresentava com o seu diretor a um grupo deromeiros que, vindos de todos os cantos da Rússia, esperavam vê-lo e obter-lhe a bênção. Prostravam-se em frente, choravam, beijavam-lhe os pés e a terra que pisava, enquanto as mulheres gemiam oferecendo os filhos e arrastando para perto dele os «endemoninhados». O presbítero dirigia-lhes a palavra, lia uma breve oração e, dando-lhes a bênção, despedia-os. Ultimamente, deixavam-no tão abatido os seus achaques que raras vezes abandonava a cela, e os que haviam peregrinado para o ver tinham de esperar vários dias até que recobrasse um pouco de ânimo. Não maravilhava Aliocha aquele amor tão provado, nem que as pessoas chorassem com emoção ao contemplá-lo; compreendia bem que para os camponeses simples, oprimidos por penas e trabalhos e ainda mais por inúmeras injustiças e maldades próprias e de toda a gente, nada há de mais necessário e consolador que ter um santo ou algo que seja santo perante quem se prostrar em adoração.

«Vivemos em pecado e em iniquidade, cedendo à tentação, mas em algum lado há um eleito, um santo, graças ao qual não foge a terra debaixo dos nossos pés; porque ele mantém pura a verdade que há de luzir um dia em nós para reinar em todo o mundo, como nos foi prometido.» Pensava Aliocha que assim sentia e raciocinava o povo, e, enquanto o padre Zóssima fosse o santo custódio da verdade divina, abundava em si próprio o mesmo convencimento dos aldeãos que choravam de simplicidade, e das mulheres que mostravam os seus filhos. A certeza de que proporcionaria na morte dias de glória ao mosteiro estava mais arreigada nele do que em qualquer outro e acabou por inflamar o seu coração em chamas de êxtase divino. A presença do presbítero como único exemplo de santidade não o perturbava no mínimo, porque pensava: «Que importa? Ele é santo e tem na sua alma o segredo da regeneração universal, esse poder que estabelecerá por fim a verdade sobre a Terra. Todos os homens serão então bons, amar-se-ão uns aos outros e não haverá mais pobres nem ricos, grandes nem pequenos, porque todos serão filhos de Deus e o verdadeiro reino de Cristo será nosso.»

A chegada dos seus dois irmãos impressionou-o grandemente. Deu-se com mais intimidade com Dmitri, o último a chegar, do que com Ivan. Encontrava-se este já havia dois meses na cidade e ainda se não tratavam com afabilidade, embora se vissem com frequência e o noviço sentisse um extraordinário afeto por ele. Aliocha era calado por natureza, parecia recolhido em si mesmo e envergonhado,

e Ivan, que ao princípio lhe falava com muita curiosidade, depressa se manifestou desinteressado de todo.

Aliocha notou-o com certa pena, atribuindo-o à diferença de idades e educação; mas pensou logo que esta falta de carinho e simpatia podia obedecer a outras causas inteiramente desconhecidas. E imaginou Ivan embrenhado em problemas importantes, empenhado nalgum de difícil solução que não lhe deixava tempo para pensar em si. Também suspeitou que podia haver algum desdém, por parte de um sábio incrédulo, contra um noviço infeliz, pois sabia que o seu irmão era ateu.

Contudo, não se ofendeu por aquele desdém, se é que o havia, antes, com certo sobressalto do seu íntimo, que nem ele compreendeu, apreciava a companhia do irmão. Dmitri falava-lhe de Ivan com grande respeito e admiração, e por ele soube com minúcia do negócio que unia os dois irmãos mais velhos em estreita amizade. Os elogios tributados por Dmitri realçavam Ivan aos olhos de Aliocha, tanto mais quanto o primeiro era um inculto ao lado do segundo, e ambos ofereciam tal contraste que com dificuldade se encontraria duas pessoas de carácter mais oposto.

Nessa altura levou-se a efeito o encontro ou reunião desta família heterogénea na cela do presbítero. O pretexto foi a tensão de relações, que estavam a ponto de se romper, entre Dmitri e o pai. Este sugeriu a ideia da reunião na cela do padre Zóssima para que, sem apelar para uma intervenção direta, e tão-só sob a influência da sua presença conciliadora, pudessem chegar a entender-se. Dmitri, que não conhecia o presbítero, acreditou que o pai tratava de o intimidar; mas no fundo sentia os arrebatamentos a que se deixava levar com ele e aceitou o compromisso. Tenho de advertir que não vivia, com Ivan, na casa paterna, mas só, no outro extremo da cidade.

Pyotr Alexandrovitch Miusov, que passava justamente aquela temporada na comarca, acolheu a ideia com entusiasmo. A um liberal dos pés à cabeça, livre-pensador e ateu, não podia guiá-lo mais do que a ideia de se distrair; o caso é que se apoderou dele o mais vivo desejo de visitar o mosteiro e o santo varão. Todavia não estava terminado o seu assunto e desejou ver o superior sob pretexto de combinar tudo amigavelmente. Uma visita chegada com tão nobres propósitos, por força havia de ser recebida mais acolhedora e atenciosamente do que a de curiosos excursionistas. Procuraram-se influências do mesmo mosteiro para que se lhes abrissem as portas do presbítero, que já há algum tempo se via na obrigação de as ter fechadas mesmo aos seus devotos. Por fim decidiu-se a recebê-los e foi fixado o dia.

– Quem me pôs de juiz perante eles? – perguntou, sorrindo, a Aliocha.

Aliocha, quando soube da visita ficou muito confuso, porque só Dmitri lhe oferecia garantias de seriedade. Os outros que iam intervir na contenda estariam presentes por motivos frívolos, se não mesmo para injuriar o presbítero.

Sabia-o demasiado bem. Ivan e Miusov iriam apenas por curiosidade, e o seu pai já devia estar a ensaiar alguma cena cómica. Aliocha conhecia-o; já aqui dissemos que era mais esperto do que parecia.

À medida que a data da visita se aproximava oprimia-se-lhe o coração, meditando em como acabaria aquela discórdia. Mas a maior ansiedade era por causa do presbítero. Tremia pela sua glória, temendo que lhe causasse uma afronta a cortês e afilada ironia de Miusov, ou a arrogância fingida do talentoso Ivan. Por duas vezes esteve a ponto de pôr o mestre de sobreaviso e não chegou a aventurar-se. Na véspera escreveu ao irmão, Dmitri, recordando-lhe a sua amizade e esperando que cumprisse a promessa. Dmitri pensou e tornou a pensar, sem conseguir lembrar-se do que havia prometido, e respondeu-lhe por escrito que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para não se encolerizar por velhacaria a mais ou a menos; mas que, não obstante o respeito que lhe mereciam o presbítero e o seu irmão Ivan, estava plenamente convencido de que a reunião ou era um laço que lhe estendiam ou uma farsa indigna.

«Mas não temas, porque preferia arrancar a língua a faltar ao respeito a esse santo que tão profundamente admiras», escrevia no final da carta que não conseguiu, de qualquer modo, animar o noviço.

LIVRO II
UMA REUNIÃO FRUSTRADA

CAPÍTULO I NO MOSTEIRO

Brilhava escaldante aquele dia de agosto. Tinham fixado a entrevista com o presbítero para as onze e meia, depois do ofício, e os convidados chegaram depois de ditas as missas. Num coche de luxo, aberto, puxado por uma parelha de cavalos, magnífica, vinha Miusov com seu parente afastado, Pyotr Fomitch Kalganov, amigo de Aliocha, jovem de 20 anos, que se preparava para entrar na universidade, indeciso entre a de Zurique ou a de Jena, segundo o conselho daquele, ou cursar os estudos no país. Era um moço absorto e distraído, de boa presença e de compleição invejável; olhava, por vezes com uma fixidez estranha, como essas pessoas ensimesmadas que fincam os olhos num objeto sem o ver. O seu mutismo revelava estupidez, e, se na intimidade era surpreendido por um arranque de loquacidade e expansão, ou se ria de qualquer ninharia, ou apagava-se de repente o alvoroço. Vestia sempre muito bem e até com esmero minucioso. A fortuna permitia-lhe viver desafogadamente, esperando grandes heranças.

Muito atrasados chegaram Fiódor Pavlovitch e seu filho Ivan, num coche de aluguer, velho, grande e que rangia, arrastado por dois remelosos cavalos castanhos. Dmitri, a quem se avisara na véspera, não havia meio de chegar. Pararam as carruagens na hospedaria vizinha, e os seus ocupantes caminharam até às portas do mosteiro.

Apenas Fiódor Pavlovitch o tinha visitado, e Miusov, que provavelmente não entrara em nenhuma igreja nos últimos trinta anos, olhava em volta com curiosidade e afetada indiferença. Interessou-lhe muito pouco a igreja em si, de onde ainda saíam os últimos devotos. Entre as pessoas de condição mais humilde destacavam-se duas ou três senhoras e um decrépito general, que se alojavam na pousada. Os visitantes viram-se rodeados de pedintes e mostraram-se duros; mas o jovem Kalganov sacou de uma moeda de prata com grande embaraço, só Deus sabia porquê, e largou-a precipitadamente na mão de uma velha, encarregando-a de que a repartisse pelos outros. Nenhum dos outros reparou na sua caridade, e o jovem esmoler ficou por isso muito surpreendido.

Aliás estavam-no todos, mas por não terem aquela honrosa acolhida que pode esperar de uma comunidade quem fez um donativo de mil rublos, e o abastado e sábio proprietário, de quem depende de certo modo a riqueza que representa para um convento o direito de pesca, que lhe pode ser tirado de um momento para o outro. Ninguém, nem um leigo, esperava a sua chegada.

Miusov, contemplando os sepulcros alinhados em torno da igreja, refreava um comentário sobre as quantias que deviam ter sido pagas pelos defuntos para descansarem naquele lugar sagrado, e a sua ironia de homem liberal transformou-se em irritação.

– Mas que diabo procuramos aqui? Temos de pensar que o tempo voa – observou, falando para consigo mesmo.

Acercou-se deles um velhinho, calvo, de olhitos afetuosos, e envolto numa fina capa de pregas largas. Tirou o chapéu e deu-se a conhecer, com um ceceio adulator, como Maximov, proprietário de Tula. Apercebeu-se de imediato da dificuldade dos visitantes.

– O padre Zóssima vive no eremitério, no seu retiro, a quatrocentos passos daqui, do outro lado do bosque.

– Eu já sabia que era do outro lado do bosque – observou Fiódor Pavlovitch –, mas não me recordo do caminho. Há muito tempo que cá não venho.

– Sigam essa direção, por essa porta, e depois em frente, pela alameda... pela alameda. Querem que os acompanhe? Poderei guiá-los, pois que vou para lá... Sigam-me. Por aqui, por aqui...

Atravessou a entrada e torceu na direção do bosque, e Maximov, um sexagenário, corria mais do que andava, voltando-se a cada momento para olhar os que o seguiam com inquietação e curiosidade incríveis. Os olhos pareciam querer-lhe sair das órbitas.

– Sim, homem! Vamos ver o presbítero por causa de um assunto que a si lhe não interessa – advertiu Miusov com severidade. – Esse senhor concedeu-nos uma audiência particular; assim, pois, agradecemos-lhe a bondade de nos ensinar o caminho, mas não se incomode em nos acompanhar.

– Já estive... sim, já ali estive! *Un chevalier parfait*. – E Maximov fez um gesto com os dedos.

– Quem é esse *chevalier*? – perguntou Miusov.

– O presbítero, o magnífico presbítero, o presbítero! A glória e a honra do mosteiro. Mas que presbítero!

As suas admirações incoerentes acabaram com a chegada de um monge pálido, magro e enfezado, que lhes saía ao encontro. Fiódor Pavlovitch e Miusov pararam.

O monge fez-lhes uma reverência extremamente cortês e anunciou:

– Cavalheiros: o padre superior convida-os para a sua mesa logo que tenham visitado o santuário. Não mais tarde do que a uma hora. E a vós, também – acrescentou, dirigindo-se a Maximov.

– Não faltarei! – exclamou Fiódor Pavlovitch, muito agradado. – Creia-me, estamos todos empenhados em nos portarmos aqui com toda a correção... Também irás, Pyotr Alexandrovitch?

– Claro que sim! Pois não vim para observar todos os costumes? Apenas a tua companhia me estorva...

– Sim, o Dmitri Fiódorovitch não dá sinais de vida.

– Só falta que não queira vir. Mas que rico papel que vou fazer a teu lado! Bem, iremos almoçar. Os nossos agradecimentos ao superior – disse, voltando-se para o monge.

– Desculpem, trago o encargo de os acompanhar ao presbítero.

– Então, irei eu direito ao padre superior... ao padre superior – murmurou Maximov.

– O padre superior está ocupado, agora. Mas faça o que entender.

– Que homem tão importuno! – notou Miusov vendo aquele correr na direção do mosteiro.

– Parece-se com o Von Sohn – atalhou Fiódor Pavlovitch.

– É isso que pensas dele? E em que se parece? Conheces esse Von Sohn?

– Vi o seu retrato; mas não digo isso pelo rosto, mas sim por causa de algo indefinível. É igual. Poderei dar-te lições sobre esse particular.

– Não ponho em dúvida que és um fisionomista apurado, mas repara, Fiódor Pavlovitch. Acabas de prometer moderação. Não te esqueças disso. Põe-te de sobreaviso, porque se comesas a dizer baboseiras abandono-te aqui mesmo... O senhor está a ver como é... uma pessoa até treme de se encontrar com ele entre pessoas decentes – acrescentou, voltando-se para o monge em cujos lábios secos aparecia um sorriso de fina astúcia que encobriu com o silêncio imposto pelo sentimento da sua própria dignidade.

A testa de Miusov enrugou-se de ódio.

«Para o diabo com todos! Um porte moldado a exemplo de séculos e séculos, e, por detrás, nada a não ser charlatanice e imbecilidade», pensou.

– Aqui está o santuário. Chegámos! – gritou Fiódor Pavlovitch. – As portas estão fechadas.

E começou a distribuir bênçãos pelas imagens pintadas no portão.

– Se fores a Roma, faz como os Romanos. Neste recinto há vinte e cinco que vivem para a glória, contemplando-se uns aos outros e comendo couves; e nenhuma mulher jamais passou este umbral. É notável!... mas é a pura verdade. Mas... não dizem que o presbítero recebe senhoras? – perguntou de repente ao monge.

– Já irá ver como as camponesas descansam no pórtico, esperando. Para as senhoras de boa sociedade construiu-se essa hospedaria, fora do recinto, até onde

vai o venerável ancião por uma passagem interior. Elas ficam sempre do lado de fora. Repare, ali está a senhora Hohlakov, esperando. É de Karkov, e tem a filha doente. Deve ter-lhes prometido lá ir, embora de há uns tempos para cá se encontra tão fraco que apenas se mostra ao povo.

– Afinal, sempre resta uma abertura por onde as damas podem passar furtivamente... Não suponha que digo isto com má intenção, padre; mas creio que sabe que em Atos não se permite alguma visita de mulher, não se admitindo mesmo fêmea de nenhuma espécie... nem galinhas... velhas ou novas...

– Fiódor Pavlovitch, aviso-te que darei meia-volta e te deixarei aqui sozinho. Ao menos que te arrastem à força na minha presença.

– Mas que mal te faço eu, Pyotr Alexandrovitch? Olhem! – exclamou em seguida, adiantando-se dentro do recinto. – Olhem que encanto de rosas há aqui!

Não havia rosas, mas os muros desapareciam sob a alegria de lindas flores outonais que cresciam por todo o lado obedecendo a mãos habilidosas; canteiros vistosos rodeavam a igreja, enfeitavam as campas e submergiam na sua vegetação a casa de madeira pintada que o ancião habitava.

– Estava tal e qual no tempo do outro presbítero, o de Varsonofy? Ele não gostaria desta elegância. Dizem que se levantava, arrebatado, e afugentava as mulheres dando-lhes com o bastão – observou Fiódor Pavlovitch, parando no primeiro degrau da entrada.

– O venerável Varsonofy tinha muitas coisas raras, mas quase tudo o que contam é inventado; nunca bateu em ninguém – respondeu o monge. – Esperem um momento, cavalheiros; vou anunciar a vossa chegada.

Miusov apressou-se a advertir Fiódor em voz baixa:

– Pela última vez, Fiódor Pavlovitch, não te esqueças do combinado, hem? Ou te portas convenientemente ou saberás quem eu sou.

– Não compreendo porque te inquietas – replicou Fiódor Pavlovitch com velhacaria. – Como se não fosse pelos teus pecados... Dizem que lê nos olhos as intenções de cada um. Mas não sabia que tomavas tão a sério esta opinião, tu, um parisiense, e dos avançados. Na verdade deixas-me pasmado!

Miusov não pôde responder ao trocista, porque já os chamavam, e entrou um pouco irritado e pensativo: «Conheço-me e acho que estou indisposto. Neste momento seria capaz de puxar os cabelos a qualquer, desprezando a minha dignidade e as minhas ideias.»

CAPÍTULO II

O ETERNO BOBO

Saía o presbítero do seu dormitório acompanhado de Aliocha e de outro noviço, quando as visitas entraram na sala onde já se encontravam, esperando, os monges do santuário, o arquivista e o padre Paissy, homens de grande cultura, pouca saúde e idade madura, e um jovem de 22 anos em traje secular, que não se moveu de um canto enquanto durou a entrevista, observando tudo com os olhos escondidos por detrás das sobranceiras, por força da atenção. Era um teólogo de rosto largo e saudável, que vivia do amparo do mosteiro. Embora se mostrasse respeitoso, julgava que a sua situação de subordinado o afastasse tanto dos hóspedes que estaria dispensado de os saudar.

Os dois monges levantaram-se, inclinando-se perante o padre Zóssima até tocarem o chão com os dedos; em seguida beijaram-lhe a mão. Ele correspondeu, depois de lhes conceder a bênção. Efetuou-se a cerimónia com aquela unção que por vezes falta nos ritos quotidianos; mas Miusov, que estava diante dos outros, imaginou que tudo obedecia a um intencionado propósito de produzir efeito no público. Ele devia então aproximar-se, segundo pensara na véspera, só por cortesia, já que era esse o costume, e receber a bênção do presbítero, mesmo sem lhe beijar a mão; mas, perante tanto beijo e tanta reverência por parte dos monges, mudou de opinião. Muito sério, fez uma gentil cortesia, um tanto convencional, e afastou-se para um canto. Fiódor Pavlovitch imitou-o como um macaco. Ivan curvou-se com dignidade, mas sem tirar as mãos dos bolsos, enquanto Kalganov estava tão atordoado que se esqueceu da reverência. O velho deixou cair a mão levantada para os benzer, e, inclinando-se de novo para eles, pediu-lhes que se sentassem. As faces de Aliocha ficaram vermelhas de vergonha. Todos os seus temores se haviam cumprido.

O padre Zóssima ocupou um sofá de mogno com assento de couro enegrecido pelo uso e tão estragado como as quatro cadeiras de material igual que estavam na parede em frente e nas quais tomaram assento os convidados. Acomodou-se um dos monges na porta e outro na janela, enfeitada com dois jarrões com flores. O estudante e os noviços ficaram quietos. A cela, não muito espaçosa, oferecia um aspeto fantástico. A mobília era pobre, tosca e insuficiente, mas abundavam os quadros por todos os lados. Perante uma imagem antiga da Virgem ardia uma lamparina, e junto dela, como que para aproveitar a luz, encontravam-se dois santos de pomposas vestes, querubins talhados em madeira, trastes de

porcelana, uma cruz católica de marfim à qual se abraçava uma Mater Dolorosa e várias reproduções litográficas de meritórias obras italianas de séculos passados, que competiam com outras de mais tosca pintura russa compradas a vendedores ambulantes. As paredes estavam cobertas de retratos de bispos, defuntos e vivos.

Miusov passou o seu olhar distraído por aquela fantástica ornamentação e fixou-o no presbítero. Gostava de estudar de perto os caracteres mais reservados: fraqueza perdoável num homem que aos seus 50 anos acresce uma desafogada posição e uma certeza de experiência mundana. E, assim, formou imediatamente um mau conceito de Zóssima. Havia, com efeito, certos rasgos característicos no velho, capazes de desgostar a outros menos exigentes que Miusov. Era pequeno, miúdo e encurvado, tremiam de fraqueza as suas pernas e parecia ter mais dez anos do que os 65 que contava; o rosto, muito chupado, estava coberto de uma rede de pregas que se recolhiam e destacavam dos pequeninos olhos, vivos e brilhantes como dois carbúnculos; um tufo de cabelos grisalhos encimava-lhe a fronte, e a barba rala e em ponta deixava ver-lhe os lábios secos, delgados e finos, sob um nariz diminuto e agudo como o bico de um pássaro.

«Tudo revela uma alma cheia de vaidade e malícia», julgou Miusov, que começava a sentir-se doente.

Um relógio de parede quebrou o silêncio e a circunspeção geral dos que se encontravam reunidos, dando doze badaladas.

– A hora exata! – exclamou Fiódor Pavlovitch. – E esse meu filho, o Dmitri, sem vir! Peço que lhe perdoe, sagrado velho. – Aliocha estremeceu ao ouvir o «sagrado». – Eu sou muito pontual: nem minuto a mais nem a menos. Recordo sempre que a pontualidade é o ornamento dos reis.

– Mas ainda te falta muito para seres rei – murmurou Miusov sem se poder dominar.

– Sim, é verdade, não sou rei. Acreditas, Pyotr Alexandrovitch, que já me dei conta disso? Mas que hei de fazer? Falo sempre fora de propósito. Vossa reverência – exclamou em tom patético – encontra-se frente a um verdadeiro bobo! Tenho gosto em apresentar-me assim. Um hábito muito arreigado move a minha língua com basta frequência e fá-la disparatar com o bom intento de divertir as pessoas e tornar-me simpático. Um homem deve sempre procurar ser grato aos outros, não é verdade? Uma vez, há sete anos, fui a uma cidadezinha tratar de negócios com uns pequenos comerciantes. Fomos ter com o comissário de polícia, a quem queríamos perguntar algo e que pretendíamos convidar para comer connosco. Era um homem alto, bem constituído, sério e de carácter azedo: o tipo mais perigoso nestes casos, pois a bílis atormenta-os. Pois bem: sem me encomendar a Deus nem ao Diabo, aproximei-me e, com a desenvoltura de um homem do mundo, disse-lhe:

«O senhor *ispravnik*² será, por assim dizer, o nosso Napravnik.» «Que entendeis por Napravnik?», respondeu-me. Vi em seguida que a graça lhe havia assentado mal e que o desejava mostrar. «Nada», respondi-lhe. «Queria fazer graça e rir à custa do senhor Napravnik, que é um conhecido diretor de orquestra, já que necessitamos de algo parecido para chegar a um acordo», respondi muito razoavelmente. «Perdoai»,olveu-me. «Eu sou um *ispravnik* e não tolero que ninguém faça trocadilhos com o nome da minha profissão.» Voltou-me as costas e foi-se embora. Corri atrás dele, gritando: «Sim, sim, sois *ispravnik* e não Napravnik.» «Não», replicou ele, «disse que eu era Napravnik.» Imaginem que isto deitou o negócio por água abaixo! Sou sempre assim, sempre assim. A minha cortesia nunca me serviu para mais do que prejuízo. Uma vez disse a uma personalidade de grande influência: «Vossa esposa é muito melindrosa», falava eu no sentido da honestidade e aludindo às suas virtudes. Mas ele perguntou-me: «Haveis tocado as suas suscetibilidades?» E eu julguei cumprir um dever de delicadeza respondendo afirmativamente. Pois podeis crer-me que agora, já depois de tanto tempo passado, ainda sinto a vergonha na cara após aquele tremendo bofetão. Prejudico-me sempre de igual maneira.

– Bem se vê! Estás fazendo o mesmo agora – murmurou, aborrecido, Miusov.

– Agora mesmo? Pois acredita que o sabia, Pyotr Alexandrovitch, e deixa-me dizer-te que quando comecei o temia. Imagina que também me parecia que serias tu o primeiro a dar por isso. Quando estou um minuto sem brincar, reverendo padre, sinto no rosto como se me arrancassem a mandíbula inferior, e pinta-se-me nele uma expressão de pasmo. Isto sucede-me desde a juventude, quando comecei a correr de casa em casa, divertindo todos para conseguir ganhar a vida. Tenho sido um farsista incorrigível; vem-me do berço, reverência; é uma mania como outra qualquer. Estou em dizer que há em mim um diabo; bom, pelo menos um diabrete, porque um diabo sério preferiria outra morada. Mas não a tua alma, Pyotr Alexandrovitch; não tens posto digno de um nem de outro. Eu creio em Deus, e se tive alguma dúvida acerca da sua existência, aqui me tendes disposto a escutar palavras de sabedoria. Nisto faço como o Diderot. Não sabíeis, santíssimo padre, que o Diderot foi ver o metropolitano Platão II, nos tempos da imperatriz Catarina? Pois foi. Chegou e disse de repente: «Não existe Deus.» Ao que o grande prelado respondeu, alçando as mãos: «O néscio diz no seu coração que não existe Deus.» Imediatamente caiu o outro a seus pés, exclamando: «Creio e peço o batis-mo!». Foi batizado, tendo por padrinhos a princesa Dachkov e Ptyomkin.

– Fiódor Pavlovitch, isto passa já da brincadeira! Bem sabes que dizes mentiras e que essa anedota grosseira não está certa. Porque te armas em tonto? – admoestou Miusov, com voz trémula.

² Comissário de polícia distrital.

– Sempre suspeitei de que não fosse certa – gritou aquele, convencido – e quero que saibam toda a verdade, senhores. Venerável ancião, perdoai o que acabo de vos contar referente ao batismo do Diderot. Nada estava mais longe do meu pensamento, até agora, que me ocorreu para amenizar a conversa. Se faço de tonto, Pyotr Alexandrovitch, é para agradar, embora muitas vezes não saiba eu próprio para que o faço. Quanto ao Diderot, ouvi cem vezes, na minha juventude, a pessoas instruídas, aquela frase «o néscio diz no seu coração», e, sem ir mais longe, foi a tua tia quem me contou a história. Toda a tua família estava persuadida de que o infiel Diderot discutiu Deus com o metropolitano Platão...

Miusov deu um salto na cadeira, esquecendo a moderação, furioso por ser posto a ridículo.

Era verdadeiramente incrível o que estava a suceder naquela cela, que durante anos e anos, desde os primeiros presbíteros, só sentimentos de profundo respeito havia inspirado a quantos a visitavam. Quase todos os que ali eram admitidos se mostravam orgulhosos do favor especial que lhes era concedido, e muitos permaneciam ali durante todo o tempo da recepção, de joelhos. Nobres, sábios e alguns livres-pensadores, atraídos pela curiosidade, todos se mostravam igualmente respeitosos e recolhidos, como é próprio de um local onde não se tratam questões de interesse, mas pelo contrário onde brota o colóquio do amor e da bondade, onde se procura a penitência ou se resolve um problema de crise espiritual. Era forçoso que semelhante parvoíce sobressaltasse desconcertadamente a maioria dos presentes. Os monges, ainda que parecessem a ponto de se levantar, indignados, como Miusov, esperaram, imóveis, que falasse o ancião. Aliocha permanecia cabisbaixo, com os olhos cheios de lágrimas, afligido especialmente por Ivan, a sua única esperança naquele transe, e capaz como ninguém de pôr cobro àquela maluqueira do seu pai, se manter quieto com o olhar no chão, como quem aguarda com interesse que acabe um incidente que não provocou. Aliocha não ousava olhar Rakitin, o estudante amigo, cujas ideias conhecia melhor que a ninguém do mosteiro.

– Perdoai – começou Miusov, dirigindo-se ao padre Zóssima – se vos fiz pensar que tomava parte nesta comédia absurda. Enganei-me ao crer que um homem como o Fiódor Pavlovitch pudesse chegar a portar-se com a correção que impõe uma visita a uma pessoa tão digna, e suponho que não necessito desculpar-me pelo mero feito de haver vindo com ele.

Miusov perturbou-se com a confusão e vergonha e, sem mais, quis ir-se embora. Mas o velho foi atrás dele, caminhando com dificuldade e, pegando-lhe em ambas as mãos, deteve-o.

– Não se aflija, por Deus! Não se aflija e olhe-me como se eu fosse um amigo especial. Sou eu que lho peço... – E, inclinando-se perante o ofendido, voltou a ocupar a sua cadeira.

– Falai, grande presbítero! Ou estais enojado da minha cantilena? – interrompeu Fiódor, agarrando-se a ambos os braços da cadeira, como que disposto a fugir se a resposta não o satisfizesse.

– Também lhe hei de pedir que não se incomode nem se desgoste por nada – disse o velho afetuosamente. – Esteja como em sua casa e perfeitamente à vontade. O pior de tudo é que uma pessoa tenha vergonha de si própria.

– Como em casa? Com naturalidade? Oh! Isso é já um excesso de bondade. Agradeço-vos profundamente, mas mais valerá, santo padre, não me convidar a uma manifestação singela e expansiva do meu carácter. Não arrisquem tanto... Por esta vez quero desobedecer pelo respeito que vos devo. Bem, aí tendes os outros, embrenhados ainda nas névoas da incerteza; e aposto que não falta quem gostasse e tivesse um vivo prazer em retratar-me ao vivo. Por ti o digo, Pyotr Alexandrovitch. Quanto a vós, santa criatura, tenho de vos confessar que me deixais extasiado. – Levantou-se bruscamente e, elevando as mãos ao alto, exclamou: – Bendito seja o ventre que vos gerou e os peitos que vos criaram!... especialmente os peitos. Quando há pouco dizíeis que «o pior é uma pessoa ter vergonha de si mesma», penetráveis no meu íntimo e léeis no meu coração. Numa reunião sinto-me sempre o mais trivial e creio que todos me tomam por um palhaço, e é nessas alturas que digo a mim mesmo: «Pois façamos palhaçadas a sério sem temer o que dirão, já que sou um palhaço eles ultrapassam-me em maldade.» Por isto, nem mais nem menos, sou um bobo; por vergonha, bom velho, por vergonha. Apenas um excesso de sensibilidade me torna tão buliçoso. Se tivesse a certeza de que me tomavam pelo melhor e pelo mais prudente dos homens, ah, senhor, que santo eu não seria!... Mestre! – continuou, caindo de joelhos –, que devo fazer para ganhar a vida eterna?

Era muito difícil adivinhar se estava a fantasiar ou se se encontrava realmente comovido.

O padre Zóssima olhou-o e disse, sorrindo:

– Porque faz essa pergunta, se já sabe a resposta há tanto tempo? Tem bastante discernimento: não se entregue à bebida e corrija a língua; ame a continência e não demasiadamente a riqueza. Feche as tabernas; se não puder fechá-las todas, duas ou três, pelo menos. Sobretudo... não minta.

– Dizeis isso por causa do Diderot?

– Não por isso, mas porque apenas se enganará a si próprio, e o homem que escuta como certas as próprias mentiras chega a não poder discernir a verdade

do que pensam dele e perde o respeito que deve a si mesmo e ao próximo. Com o respeito desaparece o amor, e então em nada poderá gozar a não ser que se deixe arrastar pelos mais grosseiros prazeres, que acabam por bestializá-lo completamente. E tudo isso pelo vício da mentira. O embusteiro, além disso, expõe-se mais que ninguém a receber uma ofensa. Crê o senhor, talvez, que por vezes é agradável ofender alguém, não? O homem enganoso sabe que ninguém o insultou, mas como há que ser gracioso e divertido, ele próprio toma uma palavra, faz uma montanha de um grão de areia e a atira contra si, para se dar ao gosto de manifestar enfado por uma ofensa por si inventada; e disto ao verdadeiro rancor não vai mais do que um passo. Mas agora levante-se e volte para o seu lugar. Não é franca essa atitude...

– Santo varão, dai-me a vossa mão para que a beije! – E Fiódor Pavlovitch saltou, deixando um beijo na mão nodosa do velho. – É muito, muito agradável dar-se uma pessoa por ofendida. Haveis expressado a ideia como nunca a ouvi. Sim, passei toda a vida a fazer-me de ofendido, para me divertir e por uma razão de estética, já que não é tão agradável e distinto ser o objeto de insultos... haveis esquecido, grande senhor, que não é tão distinto. Se fosse a vós, apontaria isso. Mas claro que estive a mentir, o que se diz, mentir de verdade, durante a minha vida inteira, sem perder um dia ou uma hora. Na realidade, eu sou a própria mentira, o pai da mentira, embora não acredite nisso. Sou um solene charlatão. Dizei, talvez, o filho da mentira, e será bastante. Apenas que... anjo meu!... posso por vezes falar do Diderot, e não preciso ter cuidado. O Diderot é inofensivo: são certas palavras apenas as que ofendem. E a propósito, grande presbítero, agora recordo que vivi dois anos com a intenção de vir consultar-vos sobre certas dúvidas. Mas dizei ao Pyotr Alexandrovitch que não me interrompa. A questão reduz-se ao seguinte: é verdade, insigne padre, que o martirologio fala de um santo que quando o decapitaram se levantou e, pegando na cabeça do chão, a «beijou devotamente» e caminhou durante um grande bocado levando-a nas mãos? É certo isso, ou não, venerável padre?

– Não, isso é falso – respondeu o velho.

– Não vi nunca nada parecido nas vidas dos santos. A qual deles se refere? – perguntou o padre bibliotecário.

– Não sei como lhe chamam. Não sei e não posso dizê-lo. Enganaram-me. Como me contaram assim o conto agora. E sabeis quem mo contou? Pois foi o Pyotr Alexandrovitch, aqui presente, a quem tanto escandalizou a história do Diderot. Foi ele próprio!

– Isso não é verdade! Nunca te falei de semelhante coisa!

– Concordo que não era a mim que o contavas; mas eu estava presente naquela reunião. Foi há três anos, lembro-me bem. E se me lembro foi porque essa história ridícula fez quebrar a minha fé. Pouco suspeitavas tu naquele dia que eu me afastava com a minha crença de rastos, e que desde aí enfraqueceu de dia para dia. Sim, Pyotr Alexandrovitch, tu foste a causa da minha grande queda moral. Não foi o Diderot, não!

Fiódor Pavlovitch estava excitado, patético, embora brincasse manifestamente; e conseguiu zangar Miusov, que murmurou:

– Acaba com essa tontice! Este homem não faz mais nada do que falar desatinadamente! Talvez eu tenha dito isso... mas não foi a ti. Quem mo contou, em Paris, foi um francês que tinha passado muitos anos na Rússia estudando os nossos grandes estadistas e disse-me que o ouvira durante a missa na qual liam *Vidas de Santos*... Eu nunca as li, nem as lerei... mas em banquete fala-se de tudo... nessa altura estávamos a comer.

– Sim, tu estavas a comer e eu a perder a minha fé – disse o outro arremedando-o.

«Que me importa a tua fé?», esteve a ponto de saltar Miusov, mas conteve-se e apenas disse com desprezo:

– Corrompes tudo aquilo em que tocas!

O ancião levantou-se vivamente.

– Perdoem, cavalheiros, se os abandono por um momento. Esperam-me outros que chegaram antes de vós. E não digam mentiras durante a minha ausência, hem? – acrescentou, voltando-se para Fiódor Pavlovitch risonhamente.

Saiu acompanhado por dois noviços que se apressaram a oferecer-lhe apoio para descer a escada. Aliocha, que estava sem alento, reanimou-se mais ao ver a saída do mestre, ao vê-lo alegre e sossegado.

O padre Zóssima dirigia-se ao pórtico, a fim de dar a bênção ao povo que o aguardava, mas Fiódor Pavlovitch deteve-o na porta da cela:

– Homem de Deus! – exclamou emocionado. – Permite que volte a beijar-vos a mão. Sim, vejo que convosco se pode tratar e fazer algo. Ou julgais que estou sempre a mentir como agora? Pois sabeis que tudo o que fiz aqui foi para vos experimentar. E crede, estou convencido de que se pode confiar em vós completamente. A minha humilde pessoa terá encontrado graça junto de vossa santidade? Pois bem; vou honrá-la demonstrando como se pode conviver convosco. E, agora, ponto final na minha boca. Durante a entrevista não me moverei da cadeira. Tu tens a palavra, Pyotr Alexandrovitch. És a personagem principal... durante dez minutos.

CAPÍTULO III CAMPONESAS DE FÊ

A sombra do portal, aberto do outro lado do recinto, aguardavam impacientes a anunciada saída do presbítero umas vinte mulheres do povo. Duas senhoras, a viúva Hohlakov e sua filha, sabedoras da fausta nova, tinham-se aproximado e esperavam num apartamento contíguo, destinado às pessoas de consideração.

A mãe era uma senhora rica, elegante e vistosa, um pouco pálida e de olhos negros e vivos, ainda jovem, pois não passava dos 33 anos, embora já fosse viúva há cinco.

Sua filha, uma rapariga de 14 primaveras, sofria de uma paralisia parcial que havia seis meses a retinha numa cadeira de rodas, mas vibrava a vida no seu rosto de grande beleza, afinado pela doença. Os olhos eram rasgados e brilhavam com uma inocente travessura entre as sombras das longas pestanas. A mãe quisera levá-la ao estrangeiro na primavera, mas fora surpreendida pelo verão enquanto tratava dos seus intermináveis assuntos.

Chegadas à cidade havia sete dias, mais para atender aos negócios do que à devoção, só haviam visto o presbítero uma vez, três dias antes, e, embora soubessem que agora mal se deixava ver, voltaram a fim de suplicar encarecidamente se lhes seria concedida «a dita de ver de novo o *grande médico*».

A dama ocupava uma cadeira junto à pobre inutilizada e, perto delas, estava um velho frade de uma ordem obscura vindo do Norte longínquo, ansiando também pela bênção do padre Zóssima.

Quando este apareceu dirigiu-se primeiro às camponesas aglomeradas na escadaria que ia dar ao vestíbulo; deteve-se no degrau superior e, colocando uma estola ao pescoço, começou a distribuir bênçãos às mulheres que se apertavam à sua volta.

Com grande dificuldade apresentaram-lhe uma doente que, ao ver o velho se agitou em terríveis convulsões, lançando gritos e arquejando cheia de suores como se estivesse com as dores de parto. Aplicou o ancião uma das extremidades da estola sobre a fronte da mulher, leu uma oração curta e a calma e a quietude voltaram.

Não sei como se praticam atualmente os exorcismos, mas, quando era pequeno, presenciava com frequência nas aldeias e mosteiros muitos casos de cura de «possessas». Eram conduzidas à igreja, cuja paz ficava perturbada com os seus

guinchos, semelhantes ao ladrar de cães, e quando o Santíssimo ficava exposto e as arrastavam perante a divina veneração do altar, cessava de repente a «possessão» e a doente acalmava-se, pacificando-se por algum tempo. Que impressão isto produzia na minha imaginação jovem e como me intrigava! Gente ignorante, e até os meus mestres, diziam que se tratava de uma doença simulada para se livrarem do trabalho e que apenas uma disciplina vigorosa e inquebrantável poderia acabar com tanta preguiça. E, para o provar, contavam várias anedotas. Mas logo soube com assombro, lendo obras de especialistas, que não existe tal ficção, mas sim uma terrível doença de que são vítimas as mulheres submetidas a trabalhos pesados, trabalhos esses que tão brutalmente afligem a camponesa da nossa terra.

É uma doença que se alimenta da natureza esgotada de uma parturiente recente que tenha dado à luz anormalmente e sem assistência médica, na mulher extenuada pelas privações, misérias e maus-tratos, insuperáveis pela sua frequência.

A rara e súbita cura destas mulheres frenéticas perante a Eucaristia, que se deseja ainda atribuir a malícia e engano dos clérigos, deve ser a coisa mais natural. A doente e as mulheres que a conduzem creem a pés juntos que o espírito maligno não pode resistir à presença de Deus sacramentado, nem à adoração que a sua vítima lhe renda. O desejo veemente de uma cura milagrosa, e a arreigada crença de que se realizará, produzirão uma forte convulsão, uma espécie de reação em todo o organismo de uma mulher, cujo sistema nervoso está completamente gasto, no momento preciso em que se cumpre o rito em que confia. E isto é o que sucede e isto mesmo sucedeu quando o presbítero tocou na doente com a sua estola.

Algumas mulheres choravam de admiração e entusiasmo perante o prodígio; outras comprimiam-se para conseguirem beijar o hábito; ouviam-se rezas em voz baixa...

Benzeu-as todas e ficou a conversar um pouco com algumas. Conhecia bem a «endemoninhada», pois já ali a haviam levado. Era de uma aldeia próxima.

– Mas essa vem de longe – acrescentou, apontando uma mulher de meia-idade, fraca e cansada, de rosto enegrecido pelo sol, quase curtido, e que permanecia de joelhos, com os olhos cravados no presbítero, como que fascinada.

– De muito longe, padre, de muito longe! De trezentos quilómetros! É muito longe! – queixou-se a aludida acompanhando-se de um balanço que deu ao corpo e sem tirar a cara do apoio da mão.

Que silêncio de dor encerra o sofrimento do povo, afogando-o na amargura do seu íntimo! Por vezes rompe-se e desfaz-se em prantos e gemidos inconsoláveis, especialmente entre as mulheres; mas essas lágrimas não mitigam a dor, porque caem ardentes na mesma ferida da alma, despedaçando-a ainda mais. É uma

dor que não quer consolo, que nasce e se mantém do desespero, irrita-se e geme com o desejo persistente de o aplacar.

– Tu não és do campo, pois não? – perguntou o padre Zóssima, olhando-a fixamente.

– Não, padre; da cidade. Somos aldeãos, mas vivemos na cidade. Vim para vos ver, meu padre! Ouvi falar de vós, ouvi falar de vós! Enterrei o meu filho, e logo em seguida começou a minha peregrinação. Passei por três mosteiros e em todos me disseram: «Que procuras aqui, Nastasia? Procura-o a ele», que é o mesmo que dizer a vós. E por isso vim: ontem assisti ao ofício e hoje tenho estado a esperar-vos.

– Porque choras?

– Pelo meu filho, padre. Tinha três anos. Três anos menos três meses... Por meu filho, padre. Estou cheia de pesar pelo meu pequenino. Foi o último que morreu. Tivemos quatro, o meu Nikita e eu, e ficámos sem filhos. Todos se foram, os pobrezitos! Os três primeiros não me deixaram tanta pena que não fosse possível consolar-me, mas o último não posso esquecê-lo. Parece-me que o tenho sempre diante de mim, que não me quer abandonar. Despedaçou o meu coração! Contemplo as suas roupinhas, as suas camisinhas, os sapatos pequeninos... e começo logo a chorar; olho para os seus brinquedos, e tudo o que lhe pertencia, tudo aquilo em que tocava e sinto-me desfalecer. Por isso disse ao meu marido, ao meu Nikita: «Deixa-me ir em peregrinação, meu senhor!» Ele é condutor de carros e não somos pobres, padre, não somos. O carro e o cavalo são nossos. Mas para que queremos agora tudo isto? O meu Nikita começou a beber, na minha ausência. Já o fazia antes, quando eu lhe voltava as costas... Que se governe! Há três meses que ando por este mundo e nunca mais pensei nele, nunca mais pensei em nada, nem quero lembrar-me de alguma coisa. Que faríamos agora para viver juntos? Acabei com ele e com tudo. Não tenho para quem cuidar da minha casa, nem dos meus bens, nem de nada deste mundo!

– Ouve, mãe – disse o velho. – Um grande santo da Antiguidade encontrou um dia no templo uma mulher que chorava como tu por causa do seu filhinho, o único, ter sido levado por Deus. «Não sabes», «disse-lhe o santo, «com que audácia estas criaturas pedem diante do trono de Deus? Realmente não há ninguém que se atreva a tanto no reino dos Céus. *Tu deste-nos a vida, Senhor, e apenas podemos vê-la e logo a arrebataste.* E pedem e pedem com tal afinco e justiça, que Deus acaba por os colocar no coro dos anjos – porque o teu filho está com o Senhor, em companhia dos anjos.» Assim falou um santo, um grande santo que não podia mentir. Fica tu também a saber, mãe aflita, que o teu filho está junto do trono de Deus, alegre e feliz, pedindo por ti. Chora, mas que as tuas lágrimas sejam de alegria.

A mulher escutava sem levantar a cabeça, que apoiava na mão, e dava grandes suspiros.

– Com essas mesmas palavras tentava o Nikita consolar-me. «Tonta», dizia, «porque choras?» Acaso não estará o nosso filho com os anjos cantando louvores a Deus?». Queria animar-me e, enquanto falava assim, principiava a chorar como eu, que lhe respondia: «Já sei, Nikita, já sei que só poderá estar com Nosso Senhor. Mas aqui, connosco, como estava dantes, não voltará a estar. Se ao menos o pudesse ver durante um momento, vê-lo só por um momento, sem me aproximar, nem dizer-lhe uma palavra. Sim, mesmo que fosse de um esconderijo e o pudesse ver brincando e pudesse ouvir a sua voz chamando-me: “Mamã, onde estás?...”» De maneira que pudesse escutar o ruído dos seus passos uma vez, apenas uma vez... porque me lembro tão bem da sua maneira de correr para mim, gritando e rindo! Se apenas ouvisse os seus passos, reconhecê-lo-ia! Mas voou, padre, voou, e não ouvirei mais nada. Tenho aqui o seu cinto, mas a ele não o verei, não o ouvirei nunca mais... – Tirou do seio um cinto bordado, olhou-o durante um instante e desatou a soluçar. Ocultou os olhos nas mãos e as lágrimas corriam por entre os seus dedos finos.

– Eis aqui a antiga Raquel – disse o presbítero –, chorando os filhos e não querendo ser consolada porque não se lhos poderá devolver. É este o património das mães: o desconsolo. Não é consolação o que pretendes, mas sim o choro. Chorar sem consolo, chorar... Chora, então, mas que o pranto te recorde sempre que o teu filho é um anjo de Deus que te olha do Céu e recolhe com alegria as tuas lágrimas para as mostrar ao Senhor. A tua dor de mãe durará ainda muito, mas por fim tornar-se-á numa doce calma e as tuas lágrimas serão então lágrimas de ternura que purificarão o teu coração limpando-o do pecado. Eu rezarei pelo descanso da alma do teu filho. Como se chamava?

– Alexey, meu padre.

– Que nome tão doce! É seu protetor Alexey, o homem de Deus?

– Sim, padre.

– Foi um grande santo! Lembrar-me-ei do teu filho e das tuas dores, mãe, nas minhas orações; e também pedirei pela saúde do teu marido. Cometes um pecado se o abandonas. O teu filho verá, lá do Céu, que o seu pai está abandonado e chorará de tristeza. Porque hás de perturbar a sua felicidade? Ele vive, pois a alma é imortal, e, embora não esteja presente na tua casa, está de maneira invisível muito perto de vós. Como há de voltar a casa se tu não gostas de lá estar? E aonde há de ir se não encontra juntos os pais? Ele visita-te em sonhos, e os sonhos são dolorosos para ti. Volta para casa e verás como os sonhos serão doces e repousados no amor do teu filho. Volta para o teu marido, mulher, volta hoje mesmo.

– Irei, padre, obedecendo à vossa palavra. Irei. Haveis comovido a minha alma. Nikita, estás esperando que chegue?...

A mulher continuou a soluçar, mas o ancião havia já posto a sua atenção numa velhota que não vestia segundo o uso dos peregrinos e em cujos olhos se via claramente que viera da cidade com um objetivo determinado que ansiava por explicar. Disse que era viúva de um oficial, que vivia na cidade próxima e que o filho, Vasenka, estava empregado na Fazenda pública de Irkutsk, na Sibéria. Havia-lhe escrito duas vezes, mas agora já há um ano que não tinha notícias. Perguntara, mas não sabia a quem dirigir-se em busca de informações oficiais.

– E no outro dia a Stepanida Ilyinichna, a mulher de um rico comerciante, aconselhou-me: «Prokorovna, vá inscrever o seu nome na igreja para que lhe digam um responso, e reze a senhora também pelo descanso da sua alma, nem mais nem menos como se tivesse morrido. Então, a alma dele ficará desgostosa e tenho a certeza que se apressará a escrever-vos.» E a Stepanida Ilyinichna disse-me que esta experiência costuma dar sempre bons resultados e é coisa segura. Mas eu tenho as minhas dúvidas... Vós sois a luz da nossa ignorância. Dizei-me se é verdadeiro ou falso e se o devo fazer.

– Nem pensar! É uma vergonha até perguntá-lo! Rezar por uma alma viva! E nada menos que a mãe! É um grande pecado, parecido com a bruxaria, e que só por ignorância te será perdoado. Melhor será que peças à Rainha dos Céus, nossa doce protetora, a saúde de teu filho e o perdão do teu mau pensamento. Mas vou dizer-te outra coisa, Prokorovna: o teu filho ou virá daqui a pouco ou te escreverá. Vai e fica tranquila e certa de que vive. Sou eu que to digo.

– Deus vos pague! Deus vos pague, padre amantíssimo e benfeitor nosso que rogais por todos nós, pecadores!...

Mas o presbítero já havia fixado a sua atenção numa jovem camponesa que, confundida no grupo, o olhava afincadamente em silêncio com os olhos cansados e inflamados de febre; olhos suplicantes que contam a ânsia de quem deseja comunicar e não se atreve.

– Que desejas, filha?

– Que me absolvas, padre – articulou ela docemente, caindo de joelhos aos pés do santo. – Pequei e tenho medo.

Sentou-se o ancião no último degrau e a jovem aproximou-se-lhe, andando com os joelhos no chão.

– Há três anos que sou viúva – começou com uma voz velada e trémula. – A minha vida conjugal foi um tormento. O meu marido era um velho que me tratava cruelmente. Ficou doente e eu tratava dele, mas temendo sempre que se curasse e que deixasse a cama. Foi então que me ocorreu a ideia...

– Espera! – interrompeu o padre, e aproximou o ouvido dos lábios da penitente.

– Dizes que isso foi há três anos?

– Sim. Ao princípio estava tranquila, mas agora enfraqueço muito e morro de remorsos.

– Vens de muito longe?

– De uns quinhentos quilómetros.

– Já confessaste o teu pecado?

– Sim, duas vezes.

– Deixaram que tomasses a comunhão?

– Sim, mas tenho medo da hora da morte.

– Nada temas e não desalentes. Se não falta o arrependimento, Deus perdoa tudo. Não há pecado que Deus não possa perdoar a uma alma arrependida! Os homens não pecam bastante para que esgotem a misericórdia divina. Teria de ser um pecado muito grande, que excedesse o amor de Deus! Pensa apenas na penitência, numa penitência contínua e não temas. Crê que Deus te ama como não podes calcular; ama-te com o teu pecado e por causa dele. É sabido que há mais regozijo no Céu por um pecador arrependido do que por dez justos. Vai e não temas. Não sejas cruel com os teus semelhantes e paga o mal com o bem. Perdoa do fundo do coração ao teu defunto o mal que te fez e a paz reinará contigo. Se te sentes arrependida, é porque amas, e se amas estás na graça de Deus. O amor reconcilia tudo, salva tudo. Se eu, um pobre pecador, sinto pena de ti, que sentirá Deus? O amor é um tesouro tão inapreciável que, por ele, podes não só expiar os teus próprios pecados, mas também os pecados dos outros.

Fez três vezes o sinal da cruz e impôs-lhe uma medalha que tirou de um fio que trazia ao pescoço.

A jovem dobrou-se até tocar no chão, sem dizer uma palavra.

O presbítero levantou-se e sorriu a uma mulher roliça que trazia um bebé nos braços.

– Venho de Vyshegorye, meu padre.

– Andaste oito quilómetros com o teu filho às costas? E para quê?

– Para vos ver. Não é a primeira vez que venho. Não me conheceis? Pois não será muita a vossa memória, se não vos lembrais de mim. Diziam que estáveis doente, e pensei: «Tens de o ir ver.» E aqui estou e vejo-vos são e ainda com vinte anos para viver, sem dúvida. Deus te valha! Mas como haveis de estar doente se há tantas almas que pedem por vós?

– Obrigado, mulher, obrigado.

– A propósito: tenho de vos pedir um favor. Não é grande coisa. Eis aqui sessenta *kopeks*. Gostaria que os distribuísseis, padre, por alguém mais pobre do que eu. Pensei que seria mais proveitosa a esmola, passando pelas vossas mãos. Sabeis, por certo, de quem necessitará dela.

– Graças, minha filha! Obrigado. Tendes um bom coração. Cumprirei o teu pedido. É esta a tua filha?

– Sim. Lizaveta, padre.

– Que Deus vos bendiga a ambas! Haveis enchido de alegria a minha alma, boa mulher! Adeus, meus filhos, adeus, adeus.

Deu a bênção em geral e despediu-se saudando todos com uma profunda reverência.

CAPÍTULO IV
UMA SENHORA DE POUCA FÉ

A visitante que esperava na sala de honra tinha contemplado a cena e acabara por levar o lenço aos olhos e chorar em silêncio. Era uma dama distinta, dotada de muito bons sentimentos, que saiu a encontrar-se com o presbítero dizendo entusiasmada:

– Oh, que cena tão comovedora! – E foi obrigada a calar-se, pois a emoção não a deixava continuar. – E que bem se compreende que o povo vos queira. Eu também gosto do povo; preciso de o amar. Como é possível não sentir carinho pelo nosso povo russo, tão generoso e tão humilde?

– Como está sua filha? Desejava falar comigo?

– Oh! Pedi-lho com toda a alma. Pedi e insisti e estava disposta a ficar três dias ajoelhada ante a vossa porta para conseguir de vós um momento apenas. Viemos, reverendo padre, para vos expressar a nossa mais ardente gratidão. A minha Lisa está curada. Haveis curado a minha filha por completo e só rezando por ela e impondo-lhe as mãos. Apressamo-nos a beijar essas mãos e a render-vos o tributo da nossa admiração e agradecimento.

– Mas, diz que está curada? Então porque não sai da cadeira e anda?

– Pelo menos acabou-lhe a febre noturna desde quinta-feira – contestou, apressada, a senhora. – As pernas estão mais fortes e esta manhã levantou-se muito restabelecida, depois de descansar durante toda a noite. Já tem as faces rosadas e os olhos brilhantes! Antes, queixava-se a toda a hora, mas agora ri e sente-se alegre e feliz. Esta manhã empenhou-se em que a deixasse levantar e esteve assim durante uns minutos sem qualquer apoio. Já sonha em dar um baile dentro de poucos dias. Chamei o doutor Herzenstube e ele encolheu os ombros, dizendo: «Não entendo, não se deve à ciência esta mudança.» Como havíamos de deixar de vir importunar-vos, de deixar de vos vir agradecer? Lisa, mostra-te grata, agradece.

A formosa e risonha cara da pequena obscureceu-se. Ergueu-se tanto quanto lhe foi possível, estendendo as mãos unidas na direção do monge e, perdendo o equilíbrio, deu uma gargalhada.

– É dele, é dele que rio! – disse, apontando Aliocha, com desgosto infantil por não ter conseguido conter o riso.

– Tem um recado para vós, Alexey Fiódorovitch. Como está? – interveio a mãe, estendendo a mão enluvada ao noviço.

O ancião voltou-se e todos fixaram a atenção no jovem, que se acercou da inválida sorrindo encolhidamente para a saudar. A pequena estendeu-lhe a mão e tomou-se de um ar muito solene.

– A Catalina Ivanovna envia-lhe isto – disse, entregando-lhe uma carta – e pede encarecidamente que a vá ver o mais depressa possível. Não falte!

– Ela pede que eu vá a sua casa? Eu? Para quê? – murmurou Aliocha, em cujo rosto se pintava a surpresa e a ansiedade.

– É algo que diz respeito ao Dmitri Fiódorovitch e... a tudo o que se tem passado nestes últimos dias – apressou-se a mãe a explicar. – A Catalina tomou uma resolução e quer consultá-lo. Com que objetivo, não sei, apenas o deseja ver quanto antes. E espera que o fará. É um dever de cristão.

– Apenas a vi uma vez – replicou Aliocha com grande perplexidade.

– Ah! É uma excelente rapariga. Incomparável! Ainda que não seja pelo que tem sofrido... Pense no que passou e no que se passa agora com ela! E que futuro! É horrível, horrível!

– Pois bem, irei – decidiu Aliocha, depois de olhar para a carta, que era uma súplica encarecida para uma entrevista, sem dar qualquer espécie de explicações.

– Que generoso e agradável que sois! – exclamou Lisa com ardor. – Eu que afirmava à mamã que se negaria porque só lhe interessaria a salvação das almas! Que bom! Sempre o tive num grande conceito; gosto de o dizer!

– Lisa! – admoestou a mãe, sem poder reprimir um sorriso. E acrescentou: – Esqueceu-nos por completo, Alexey Fiódorovitch; nunca mais nos veio visitar. E isso que a Lisa diz é verdade. Nunca se encontra melhor senão quando está convosco.

Aliocha levantou os olhos, corou ainda mais e sorriu sem saber porquê. O presbítero já não o olhava, distraído com o monge que havia esperado a sua chegada em companhia da dama, homem humilde, de origem campesina, ideias estreitas e uma fé impetuosa e obstinada. Disse que viera do Norte, de Obdorsk, de São Silvestre, um pobre mosteiro de dez monges, entre os quais ele se encontrava. O padre Zóssima deu-lhe a bênção e convidou-o a ir à sua cela sempre que tivesse gosto em fazê-lo.

– Como explicais estes acontecimentos? – perguntou logo o monge, indicando significativamente e com modo solene a parálitica.

– Fala do seu coração? É prematuro tudo o que se diga dela. Um alívio pode obedecer a várias causas; mas a cura, se é que houve algo disso, só à vontade de Deus se pode atribuir. Tudo vem de Deus... Venha visitar-me, padre, pois que raras vezes posso receber. Sinto-me doente e sei que os meus dias estão contados.

– Ah, não, não! Deus não o afastará de nós! Vivereis ainda muito, muito tempo – gritou a senhora. – E que tendes, se o vosso semblante mostra saúde, alegria e felicidade?

– Hoje sinto-me muito melhor; mas reconheço que as minhas melhoras são passageiras. Sei perfeitamente o alcance das oscilações da minha doença e se parece feliz – que felicidade me dá, dizendo isso – é apenas porque o homem foi criado para isso, e, quando na verdade o é, poderá dizer: «Cumprí a vontade de Deus neste mundo.» Todos os justos, todos os santos, todos os mártires, se sentiram felizes.

– Que palavras, senhor! Com que confiança pronunciais coisas tão sublimes, que se espetam na alma como flechas! Porquê... a felicidade?... Onde está a felicidade? Quem pode afirmar de si mesmo que é feliz? Já que tivestes a bondade de nos conceder esta entrevista, permiti que vos diga tudo o que não vos pude dizer antes, por falta de coragem, tudo o que me oprime e atormenta há tempos. Sofro, sofro muito! Perdoai-me.

E, num rasgo de exaltação, estendeu para ele as suas mãos unidas.

– O que a faz sofrer?

– Faz-me sofrer... a falta de fé.

– A falta de fé em Deus?

– Não, em Deus não! Nem me atrevo a pensar nisso! Mas na vida futura... é um enigma! E ninguém o pode resolver. Ouvi. Vós sois um médico versadíssimo em males do espírito, e eu não pretendo que me acrediteis completamente; mas dar-vos-ei a minha palavra de que não falo de ânimo leve. A ideia da vida para além da morte enche-me de angústia e de terror, e não sei a quem me dirigir, nem sequer comunicar as minhas dúvidas a qualquer pessoa, até agora. Oh, Deus! Que pensareis de mim?

E, na sua dor, torcia e retorcia as mãos.

– Tranquelize-se sobre a minha opinião. Estou convencido de que a sua dor é sincera.

– Como vos agradeço! Pois, sim, cerro os olhos e pergunto-me: «De onde vem esta crença que todos têm?» E uns dizem que tem origem no medo dos fenómenos terríveis da natureza, sem que corresponda a qualquer realidade. E penso: «De que me servirá crer durante toda a minha vida, se só me espera o cardo que há de crescer sobre a minha campã?» É terrível! Como, como adquirir a fé? Só acreditei em pequenita, quando não pensava naquilo em que tinha crença. Mas onde estão as provas? Tendes aqui a minha alma para que a alumieis. Se perco esta ocasião, perguntarei em vão durante todo o resto da minha vida. Uma prova, algo que me convença! Que desgraçada sou! Olho à minha volta e não há nin-

guém que me compreenda. A ninguém preocupam hoje em dia estas coisas, estas coisas cuja ignorância se me torna insuportável. É horrível... horrível!

– Sim, é horrível! Não há quem o possa provar, mas podemos-nos convencer.

– Como?

– Pelo exercício de um amor prático. Esforce-se por amar o próximo ativamente, sem cessar. À medida que o seu amor aumentar, ir-se-á convencendo da existência de Deus e da imortalidade da alma, e, quando alcançar a abnegação, o sacrifício de si mesma no amor dos outros, resplandecerá a sua fé sem qualquer sombra de dúvida. É uma verdade, baseada na experiência.

– O amor ativo! Essa é outra questão... E que questão! Vereis que tenho sentido tanto amor pela humanidade que várias vezes pensei em deixar a Lisa o que possuo e fazer-me irmã de caridade. Em tais momentos fecho os olhos e, entregue aos meus pensamentos, aos meus sonhos, sinto-me capaz de vencer todos os obstáculos. Não me arredariam feridas nem chagas de pestilentos; tratá-las-ia com as minhas próprias mãos, consolaria os aflitos e beijar-lhes-ia as úlceras.

– É santo e bom que conceba tais sonhos, que o tempo poderia converter em realidade.

– Sim, mas poderia eu suportar durante muito tempo esta espécie de vida? – prosseguiu ela com denodo quase delirante. – É isso o principal, o que mais me inquieta. Fecho os olhos e pergunto-me: «Seria perseverante na minha vocação? Se o paciente cuja ferida lavasse se tornasse ingrato em vez de agradecido, sem apreciar, nem notar sequer os meus serviços caritativos, e começasse a abusar pedindo com rudeza ou queixando-se de mim aos superiores – como é frequente nos doentes, cujo carácter azeda ainda mais –, que faria eu então? Não enfraqueceria a minha amorosa solicitude?» E tenho então a certeza de que todo o meu amor se desfaria na ingratidão, que não valho mais do que uma servente assalariada, que trabalha pelo que recebe pontualmente, quero dizer, pelos elogios, atendendo que amor com amor se paga. Sem esta reciprocidade sou incapaz de amar a alguém.

Sentia, ao falar assim, que o desprezo de si mesma lhe dava forças para desafiar o olhar do santo.

– Isto parece-se com o que me contou um médico – observou o velho. – Já não era novo e tinha grande sabedoria. Falava com franqueza igual, mas tomava as coisas sempre a brincar. «Eu próprio me admiro pelo amor que sinto pela humanidade», «dizia-me, «porque este amor que sinto está em razão inversa do que me inspira o indivíduo. Por vezes entusiasmo-me traçando planos para bem da espécie humana, deixar-me-ia crucificar, se o mundo necessitasse de vez em quando de um redentor, e não posso conviver dois dias seguidos com uma pessoa.

Quando alguém se aproxima, a paz e a alegria que gozo a sós abandonam-me. Em vinte e quatro horas, o homem melhor torna-se-me odioso, ou porque demora demasiado tempo a comer, ou se trata se está constipado. Sinto-me inimigo de todos os que se aproximam de mim, mas o que é incrível é que, à medida que o indivíduo se me torna detestável, aumenta em mim o amor pela humanidade.»

– E que fazer? Que fazer em tais casos? Teremos de nos entregar ao desespero?

– Não. Basta a aflição que isto vos causa. Faça o que puder e ser-lhe-á levado em conta. Já não é pouco conhecer-se e ser sincera. Se me abrisse o coração apenas com o objetivo de me arrancar elogios à sua franqueza nada conseguiria no terreno do amor ativo. Tudo seria reduzido a sonhos e passaria a vida como um fantasma, acabando por não pensar sequer na vida futura, e por se tranquilizar com respeito à hora da morte.

– Fazeis-me medo! Agora compreendo que realmente procurava a vossa aprovação quando vos disse com franqueza que não poderia tolerar a ingratidão. Haveis descoberto o que a mim mesma ocultava, lendo na minha consciência e revelando-me os meus próprios segredos.

– Isso que dizeis é verdade?... Pois mesmo após uma tal confissão creio que é sincera e nobre. Se não consegue ser feliz, lembre-se sempre de que está no bom caminho e procure não sair dele. Sobretudo, afaste a mentira e todo o género de lisonja, especialmente aqueles que tendem a enganar-vos a vós mesma. Mantenha-se sempre alerta neste ponto e não brinque nunca quer consigo quer com o próximo, pois que todas as imperfeições da sua alma começarão a purificar-se desde que as reconheça. Não se admire se tiver dúvidas que lhe atrasem o passo do seu amor ativo. Não tema, porque por vezes o medo engendra a mentira. Não devem amedrontá-la excessivamente as más ações. Sinto não poder dar-lhe conselhos mais consoladores, porque o amor ativo é terrível, espantoso, ao lado do amor especulativo. Este é ardente, pronto a trabalhar, rápido na execução e certo no que ataca, e o homem que o possui daria a sua vida se os juízos de Deus não tivessem de se prolongar e se houvesse público que o aplaudisse, como nos grandes estádios. Mas o outro é trabalho e fortaleza, e, para alguns, uma ciência completa. Não importa; asseguro-vos que quando virdes com terror que todos os vossos esforços, em vez de vos aproximar, vos afastam do fim que pretendeis, asseguro-vos, repito, que estareis então a ponto de o alcançar e reconheceréis claramente o milagroso poder de Deus, que durante todo o tempo terá sido o vosso guia amoroso e oculto. Perdoai-me, se tenho de despedir-me. Esperam-me. Adeus.

A senhora chorava.

– Lisa, Lisa! Dai-lhe a vossa bênção! – gemeu.

– Não a merece, porque foi má. Porque te ris do Alexey? – disse o presbítero em tom bondoso.

A jovem não havia parado de troçar do noviço, divertida com o recato e o empenho que este punha em não a olhar. Lisa vigiava o jovem, a fim de o surpreender ao menor descuido do seu olhar, e como Aliocha não pôde resistir àquele olhar tão intenso, encarou-a por fim e o riso da doente soou ainda mais triunfal, desconcertando e humilhando ainda mais o noviço, que se defendeu colocando-se atrás do presbítero. Mas, pouco depois, não conseguiu resistir à curiosidade de ver se o olhava, e deu com Lisa a levantar-se da cadeira e quase caindo para o alcançar com a vista. Então riu ela tão estrepitosamente que o velho não pôde conter uma repreensão:

– Porque te ris assim dele, menina travessa?

Lisa corou e os olhos brilharam. O rosto adquiriu um ar grave e começou a falar com nervoso e em tom ressentido:

– Porque se arma em tonto, como se tudo tivesse esquecido. Como se não se lembrasse de que andou comigo ao colo, e brincou comigo aos cavalos quando eu era pequena!... Pois se ele me ensinou a ler! Há dois anos, quando se despediu, disse que nunca me esqueceria, que seríamos amigos para sempre, para sempre! E agora, sem mais nem menos, tem medo de mim. Crê que vou comê-lo? Porque não se aproxima? Porque não fala? Se não vem lá a casa, não é porque vós o impeçais, pois já sabemos que vai aonde lhe apetece. Será bonito que eu o tenha de convidar? Se não me tivesse esquecido, não faria falta o convite. Ah! Agora pensa apenas em salvar a sua alma! Por que razão veste ele esta roupa tão larga? Se correr, cai como um saco!

E, não podendo conter-se mais, ocultou a cara entre as mãos e soltou uma gargalhada prolongada, irresistível e nervosa.

O presbítero escutou-a, sorrindo, e deu-lhe a bênção com ternura, e, quando ela lhe pegou na mão para a beijar, apertou-a bruscamente retendo-a em frente dos olhos e rompeu em soluços:

– Não vos envergonheis de mim! Sou uma tonta e não presto para nada... O Aliocha deve ter motivos para não querer conversas com uma miúda ridícula como eu.

– Mandá-lo-ei a tua casa. Prometo-o – disse o presbítero.

CAPÍTULO V
O QUE HÁ DE VIR

Uns vinte e cinco minutos permaneceu o ancião fora da sua cela. Tinham tocado já as doze horas e meia e Dmitri ainda não havia comparecido, apesar de ter sido a seu pedido que se realizava a reunião.

O presbítero encontrou os visitantes embrenhados em animada conversa, sustida principalmente por Ivan e pelos dois monges. Miusov pretendia intervir com mais vontade do que acerto, pois, como se encontrava pouco a par do assunto de que se tratava, as suas observações não eram tomadas em consideração e isto aumentava-lhe a irritabilidade. Nunca suportou certo velado desprezo com que o tratava Ivan nas disputas que haviam tido.

«Envelheci nas primeiras filas do progresso europeu e, agora, estes crianças querem pôr-me de lado!», pensava.

E Fiódor Pavlovitch, que havia cumprido por um momento a promessa de permanecer quieto e mudo, olhava Miusov, sorrindo maliciosamente e deleitando-se no gosto que experimentava na sua derrota.

Por fim, não pôde deixar escapar a ocasião que lhe apresentava o espírito de vingança e, inclinando-se para o outro, murmurou-lhe com a pior intenção:

– Porque não partiste depois da saudação de cortesia? Como podes permanecer entre pessoas tão mal educadas? Sentes-te mortificado e furioso, e esperas poder vingar-te confundindo-nos com a tua portentosa inteligência? Não tenhas medo, não te irás sem ter desfiado o teu talento perante estes senhores.

– Voltas ao mesmo?... Pois vou-me, agora.

– Hás de ser o último de todos! – acometeu de novo o velho, no momento em que o padre Zóssima entrava.

Houve uma trégua na conversa, mas o presbítero, retomando o seu lugar, olhou-os como se os convidasse a continuar.

Aliocha viu no semblante do ancião uma terrível prostração apenas dissimulada pelo esforço. Há dias que sofria desmaios de tão extenuado que se encontrava, e tinha agora a mesma palidez, a mesma brancura que se lhe notava nos lábios antes de ser atacado por aqueles acessos de debilidade. Mas era evidente o seu desejo de que a visita não se malograsse; parecia querer mantê-la com um objetivo especial. Qual? Aliocha olhava o presbítero intensamente, com esperança de o decifrar na expressão.

– Estávamos a discutir o interessante artigo deste cavalheiro – anunciou o padre Yosif, o bibliotecário, dirigindo-se ao que regressava e indicando Ivan.
– Contam muitas coisas novas, mas penso que o assunto se pode canalizar em dois sentidos. O artigo é a contestação ao livro de uma autoridade da Igreja sobre os tribunais eclesiásticos e o campo da sua jurisdição.

– Sinto não ter lido o seu artigo, mas ouvi falar nele – disse o presbítero, fixando Ivan com olhar bondoso e penetrante.

– Defende-se nele uma posição de grande interesse – confirmou o bibliotecário. – No que respeita à jurisdição da Igreja, manifesta-se oposto à separação desta e do Estado.

– É interessante, mas em que sentido? – perguntou a Ivan o padre Zóssima.

Aquele respondeu com cortesia, desvanecendo o temor do irmão, e sem deixar transparecer no discurso modesto e circunspecto o menor segundo pensamento.

– Parto do princípio de que esta confusão de elementos, quero dizer, dos princípios essenciais da Igreja e do Estado, continuará, embora seja impossível que se liguem, pois tal ligação não pode levar a resultados normais e sólidos, porque está cheia de falsidades na sua própria origem. Na minha maneira de ver, um compromisso entre a Igreja e o Estado sobre a jurisdição, por exemplo, não pode admitir-se num sentido real. O meu ilustre antagonista mantém que a Igreja defende uma posição precisa e definida dentro do Estado, e eu acho que, pelo contrário, a Igreja deve abarcar o Estado e não ocupar um lugar nele, e se, por alguma razão, isto é atualmente impossível, deve ao menos considerar-se como o seu fim primordial no futuro desenvolvimento da cristandade.

– Perfeitamente de acordo! – assentiu com fervor e decisão o douto padre Paissy.

– Puro ultramontanismo! – exclamou Miusov com impaciência, retorcendo os dedos.

– Mas não somos sequer montanistas! – interveio o padre Yosif e, voltando-se para o presbítero, prosseguiu:

– Vede a maneira de responder às seguintes proposições «fundamentais e essenciais» do adversário que é, como já sabeis, um eclesiástico. Primeira: «Nenhuma organização social pode ou deve atribuir-se o poder de dispor do direito civil e político dos seus membros.» Segunda: «A jurisdição civil e criminal não só não deve pertencer à Igreja, como é incompatível com a sua natureza, já como divina instituição, já como uma organização de homens que se associam para um fim religioso»; e, finalmente: «O reino da Igreja não é deste mundo.»

– Jogo de palavras indigno de um clérigo! – exclamou o padre Paissy, não podendo travar o arrebato. – Li a obra a que o senhor responde – continuou, dirigindo-se a Ivan – e detive-me surpreendido perante a frase: «O reino da Igreja não é deste mundo.» Pois se não é deste mundo, que faz a Igreja na Terra? No Evangelho, usam-se as palavras «Não é deste mundo» num sentido diferente; é intolerável que se jogue com elas. Nosso Senhor Jesus Cristo veio estabelecer a Sua Igreja sobre a Terra. O reino dos Céus não é, portanto, deste mundo, é dos Céus; mas aqui trata-se da Igreja que foi fundada sobre a Terra, e isto é tão claro que servir-se frivolamente dessas palavras é um jogo imperdoável e impróprio. A Igreja é, na verdade, um reino ordenado para o governo e, no fim, há de acabar imperando sobre toda a Terra. Temos disso a promessa divina.

Calou-se, como se tentasse reprimir-se.

Ivan, que havia escutado atenta e respeitosamente, tomou a palavra dirigindo-se ao presbítero com marcada compostura e cordialidade:

– Todo o espírito do meu artigo assenta no facto de que, durante os três primeiros séculos, o Cristianismo existiu apenas na Igreja e não foi mais do que a Igreja. Quando o império pagão de Roma desejou tornar-se cristão, sucedeu, inevitavelmente, que a Igreja se encontrou no seio de um Estado que continuava a ser pagão em várias províncias. Isto é, na realidade, o que se depreende dos factos. Ora bem: Roma, como Estado, conservou, em grande parte, a sua cultura e civilização pagãs, como o Direito e os principais fundamentos do Estado, que não pôde, naturalmente, derrubar a Igreja cristã, quando esta passou a fazer parte dele, porque os considerava a rocha em que se apoiava; não podia nem devia perseguir outros fins que aqueles que Deus mesmo lhe havia apontado pela revelação e entre os quais se conta o de acolher no seu seio todo o mundo e, por conseguinte, o próprio Estado pagão da Antiguidade. Em tal sentido, isto é, com vista ao futuro, não tem a Igreja razão para solicitar uma posição definida no Estado como «uma organização qualquer» ou como «uma sociedade com propósitos religiosos a cumprir», segundo o meu opositor define a Igreja, mas, ao contrário, todo o Estado tem de ser absorvido completamente pela Igreja, de modo que não seja mais do que uma Igreja que repila os negócios que nada tenham a ver com os seus fins. Isto, de modo algum diminuiria a sua honra, nem menosprezaria a glória que lhe coubesse como grande Estado, nem a glória dos que fossem chamados a regê-la; mas antes a desviaria do caminho enganoso e torto de um «é ou não é pagão» para seguir a verdadeira e reta senda que leva ao fim eterno. Por isso o autor de *As Origens da Jurisdição Eclesiástica* teria julgado com sabedoria, se, ao estudar o assunto, tivesse assentado esses princípios a título de compromisso inevitável nestes tempos de pecado e imperfeição; mas a partir do momento em que se atreve a declarar que

os princípios que sustentam – alguns dos quais nos acabam de ser citados pelo padre Yosif – têm carácter permanente, essencial e eterno, vai diretamente contra a Igreja e contra a sua missão divina e eterna. É este o ponto essencial do meu artigo.

– Em resumo – juntou o padre Paissy, acentuando cada uma das suas palavras –, segundo certas teorias que não foram formuladas claramente até ao nosso século, a Igreja deve transformar-se em Estado à medida que este evolucione progressivamente em formas mais nobres e elevadas, até que desapareça nela pelo avanço da ciência, do espírito da época e da civilização. E se a Igreja não quiser, se resistir, terá sempre um lugar reservado no Estado sob cuja inspeção viverá... e isto em todos os países da Europa moderna. Mas as aspirações e as ideias da Rússia exigem não que a Igreja passe a ser um símbolo mais perfeito dentro do Estado, mas que o Estado chegue a conseguir ser Igreja e nada mais. Ámen! Ámen!

– Vamos! Haveis-me tranquilizado um pouco – comentou Miusov sorrindo, sem deixar de retorcer os dedos. – Pelos vistos, a realização de tanta beleza está muito longe, na segunda vinda de Cristo. Muito bem! Não passa de uma bela utopia o sonho da abolição da guerra, da diplomacia, dos bancos, etc... uma coisa que ultrapassaria o socialismo. Imaginava que tudo era a sério, e que a Igreja podia atualmente julgar os criminosos e condená-los a açoites, à prisão e à morte...

– Se não houvesse outro tribunal a não ser o eclesiástico, a Igreja não ditaria, nem mesmo nos nossos tempos, a sentença de prisão ou de morte. O crime, e o conceito que dela tem, mudaria fatalmente, senão de imediato, em muito pouco tempo – replicou Ivan com calma.

– Falas a sério?

– Se tudo se tornasse na Igreja, esta expulsaria da sua assembleia o criminoso, mas não lhe cortaria nunca a cabeça. E eu pergunto: que seria do expulsado? Ver-se-ia afastado não só dos homens, como agora, mas também de Cristo, porque o seu crime não só seria contra a humanidade, mas contra a Igreja de Cristo. Estritamente falando, é o que sucede hoje, embora não se possa afirmar abertamente, pois com frequência, com muita frequência, o criminoso dos nossos dias tranquiliza a sua consciência, dizendo: «Estão todos enganados, vivem todos em erro, toda a humanidade é uma falsa igreja; eu, um ladrão, um assassino, represento a única, a verdadeira Igreja de Cristo.» Digo-vos que é muito difícil que um homem chegue a falar assim; isto requereria um conjunto de raríssimas circunstâncias. Por outro lado, examinemos o ponto de vista sob o qual a Igreja considera o crime. Não tende naturalmente a renunciar à atitude quase pagã que se observa hoje em dia, substituindo essa separação material dos membros apodrecidos para

preservar a sociedade, com a doutrina, eternamente honrosa, da regeneração do homem, da sua emenda e salvação?

– Que queres dizer? – interrompeu Miusov. – Também agora não te entendo. Parece que contas um sonho de maneira confusa e incompreensível. Porque, vejamos, que é a excomunhão, essa separação de que falas? Suspeito de que te ris, Ivan Fiódorovitch.

– Sim, mas já se sabe que assim é, na realidade – comentou o padre Zóssi-ma atraindo todos os olhares. – Sem a Igreja de Cristo, nada poderia conter o criminoso na sua maldade, nem castigá-lo devidamente. Hoje aplicam-se penas materiais que, na maior parte dos casos, endurecem o coração; mas não são o verdadeiro castigo, a sanção eficaz que amedronta e enternece, e consiste no reconhecimento do pecado pela consciência.

– Como é isso, se pode saber-se? – perguntou Miusov com viva curiosidade.

– Todas as sentenças de desterro e trabalhos forçados, e os açoites que se usavam dantes, não puderam reformar ninguém e apenas detiveram um dos braços criminais; não diminuíram os crimes, mas parece que ainda aumentam de dia para dia. Tendes de admitir isto. Não fica a salvo a segurança da sociedade se, ao separar dela, materialmente, um membro daninho, vier a ocupar o seu lugar um outro pior ou, às vezes, dois. Se alguma coisa deve preservar a sociedade, ainda nos nossos tempos, e regenerar e corrigir os criminosos, é a lei de Cristo, trabalhando na sua consciência. Só reconhecendo-se culpado como filho da sociedade cristã, quero dizer, da Igreja, sentirá o peso do seu pecado contra a sociedade, ou seja, contra a Igreja, de maneira que o criminoso só pode reconhecer que pecou contra a Igreja, não contra o Estado. Se a sociedade constituída em Igreja tivesse jurisdição, já saberia a quem expulsar e com quem se reconciliar; mas como atualmente não dispõe senão do poder de condenar moralmente, deixa de lado os castigos materiais, e em vez de excomungar o malvado, obstina-se paternalmente em exortá-lo; e ainda mais, dá-lhe esmola e trata-o mais como cativo do que como presidiário.

«E que seria dos criminosos, Deus meu, se a sociedade cristã, a Igreja, os repelisse, como os repele a lei civil, desamparando-os? Que seria deles se a Igreja os castigasse com a sua excomunhão, secundando as leis do Estado? Não haveria desespero mais terrível, pelo menos para os condenados russos; porque o Russo, mesmo no seu crime, mantém a integridade da fé. Sucederia talvez algo mais terrível porque, no desespero da sua alma, o criminoso poderia perder a fé, e que seria dele então? Mas a Igreja, como uma mãe terna e amorosa, separa-se de todo o castigo material, já que o criminoso sofre sob o poder da lei civil e deve haver alguém que, ao menos, se compadeça de si; e separa-

-se perante tudo porque o seu juízo é o único verdadeiro e não pode, prática e moralmente, avalizar outro juízo, nem mesmo como compromisso passageiro; não pode tornar-se solidária, não pode assinar um pacto. Dizem que os criminosos de outros países raras vezes se arrependem, porque as mesmas doutrinas modernas confirmam-lhes que o seu crime não é crime, mas a reação natural contra uma força injusta e opressora. A sociedade expulsa-os do seu seio com um poder que deles triunfa materialmente e – pelo menos assim o confessam os europeus – esta expulsão é acompanhada pela aversão, pelo esquecimento, pela mais profunda indiferença, como se fosse este o destino fatal de um irmão extraviado. Tudo se pode esperar sem a piedosa intervenção da Igreja, que falta em muitos casos; pois se continuam de pé as instituições eclesiásticas, como os templos sumptuosos, há séculos que se esforçam por passar da Igreja a Estado e lograram desaparecer neste por completo. Tal sucedeu, pelo menos, nos países luteranos e, quanto a Roma, faz já mil anos que se constituiu em Estado, em vez de Igreja. Claro que, assim, o criminoso, não podendo sentir-se membro da Igreja, cai num desespero total. Se volta à sociedade é acolhido com tal repugnância que a própria sociedade o afugenta. Julguem vós próprios como vai acabar. Em muitos casos parece que o mesmo se passa entre nós, mas temos a vantagem de que ao lado da justiça humana está a Igreja, que recebe sempre os criminosos como filhos amados e prediletos. Além disso, a opinião pública ainda respeita o juízo da Igreja, que, se tem força para produzir resultados práticos, mantém, contudo, viva a confiança no futuro, e isto é um consolo para a alma do sentenciado. Está também certo o que atribuíeis há pouco à jurisdição da Igreja, porque se fosse posto em prática com todo o seu poder, transformando-se a sociedade toda em Igreja, não só influiria o seu juízo na reforma do criminoso, o que se não consegue agora, mas o número de crimes diminuiria de forma incrível. E quem duvida de que a Igreja julgará o delito e o delinquente no futuro, de maneira distinta, esforçando-se por reabilitar o culpado, conter os que forjam o mal, levantar o caído? A verdade é – acrescentou o padre Zóssima sorrindo – que a sociedade cristã não está ainda preparada; talvez não haja nem mais do que sete justos, mas como estes nunca hão de faltar, manter-se-á firme esperando a completa transformação de uma sociedade mais poderosa. Assim seja, assim seja. Sucederá no fim dos tempos, porque foi assim ordenado. Mas não nos inquiete o tempo, nem as estações, que o segredo do tempo e das estações está na sabedoria de Deus, na Sua presciência e no Seu amor, e o que, segundo os homens, ainda vem muito longe, podemos pela vontade divina tê-lo à mão, como em vésperas da sua aparição. Ámen!

– Ámen, ámen! – repetiu com gravidade e reverência o padre Paissy.

– Surpreendente, muito surpreendente! – murmurou Miusov com acanhada indignação.

– Mas o que o surpreende tanto? – perguntou cautelosamente o bibliotecário.

– O quê?! Isto passa já de todos os limites! – gritou Miusov, explodindo por fim. – Elimina-se o Estado e ergue-se a Igreja no seu lugar. Isto não é só ultramontanismo, é já arquiultramontanismo! Isto ultrapassa as quimeras do papa Gregório VII!

– Isso é um erro – comentou o padre Paissy serenamente. – Tenho presente que a Igreja não se há de transformar em Estado. Esse é o sonho de Roma, a terceira tentação do Demónio. Não; é o Estado que se converterá, ele próprio, por evolução ascendente, em Igreja sobre todo o mundo, o que, além de não estar conforme em absoluto com o ultramontanismo, nem com Roma, nem com a sua interpretação, é o destino glorioso que anunciou a Providência à Igreja Ortodoxa. No Oriente se levantará a estrela!

Miusov mantinha-se calado de um modo significativo, transbordando de dignidade em toda a sua pessoa, enquanto aos lábios assomava um arrogante sorriso de condescendência.

Aliocha não podia calar os gemidos no peito; aquela conversa comovia os fundamentos da sua vida. O olhar fixou-se em Rakitin, que continuava imóvel junto da porta, ouvindo atentamente o que se dizia em volta sem desviar o olhar do chão e deixando adivinhar na sua expressão a agitação do espírito. Aliocha sabia bem a que se devia ela.

Inesperadamente, Miusov, adotando o ar majestoso que lhe era peculiar, falou:

– Permitam-me que vos conte uma história, cavalheiros. Há uns anos, pouco depois do golpe de Estado de dezembro, encontrando-me de visita em casa de uma personagem de grande influência no governo, tive ocasião de conhecer um homem muito interessante. Não era precisamente um polícia, mas o capitão de um regimento de agentes policiais, cargo que lhe dava grande poder. Desde logo me dominou a curiosidade de conversar com ele, aproveitando a oportunidade que se me oferecia, e como ele não estava ali de visita, mas como subordinado cumprindo as suas funções, e havia presenciado o amável acolhimento que me dispensara o dono da casa, dignou-se falar-me com franqueza, até certo ponto, desde o princípio. Era mais que franco, cortês, como só os franceses sabem sê-lo, especialmente com um forasteiro; mas entendi-o perfeitamente. Falámos sobre os socialistas revolucionários que eram perseguidos naqueles dias. Citei apenas o que de mais notável me confessou aquele homem: «Todos esses socialistas,

anarquistas, ímpios e revolucionários», disse-me, «não nos dão muito que temer. Vigiamo-los e estamos ao corrente daquilo que tramam. Mas há certos homens que acreditam em Deus e são, ao mesmo tempo, cristãos e socialistas. Essa, essa é a gente mais terrível. São de respeito. É preciso ter mais cuidado com o socialista cristão do que com o socialista ateu.» Estas palavras intrigaram-me nessa altura e acodem-me agora espontaneamente à memória, meus senhores.

– E aplicai-no-las, tomando-nos por socialistas? – inquiriu o padre Paissy sem titubear.

Pyotr Alexandrovitch não teve tempo de encontrar resposta, porque a porta se abriu nessa altura e o esperado visitante, Dmitri Fiódorovitch, entrou. Tanto havia demorado que a sua chegada causou, de imediato, certa surpresa.